

-Maior, chamado Bouças, êsse local ficou-se chamando depois Bouças-Donas¹. Da edificação diz-se que restam ruínas no sítio do Pedrinho ou no da Pedrada e é notável que em Panóias (Vila-Rial) tivessem dito a Gabriel Pereira, apontando para as longínquas cumeadas de Soajo, que havia aqui grandes ruínas (*Boletim da Associação dos Arqueólogos*, VII, 53). Termine com esta pregunta: não terá a igreja de Ermelo requisitos para ser considerada monumento nacional?

Dezembro de 1916.

F. ALVES PEREIRA.
●

As pedras preciosas de Lisboa (Belas) na História

Em 1914 publicou o notável geólogo o Sr. Paul Choffat nas *Comunicações do Serviço Geológico de Portugal*, vol. X, um estudo intitulado *Les mines de grenats du Suímo*. Este trabalho, de altíssima importância para a história da época romana em Portugal, não teve a publicidade relativa ao assunto tratado, nem a ele se seguiram trabalhos complementares, que profundassem os nossos conhecimentos sobre as minas exploradas durante a época romana no aro de Lisboa. Estou certo de que em qualquer outro país do norte ou do centro da Europa os estudos no terreno e nos arquivos não deixariam de se suceder até se alcançar notícia suficiente desse curioso resto da antiguidade no solo pâtrio.

Esperando que outros o façam com competência, vou entretanto tornar público o resultado de investigações que empreendi, quer em publicações especiais quer em obras históricas ou literárias, servindo-me de base o citado trabalho do Sr. Choffat.

No comêço da era cristã um certo Boccho, que se julga lusitano com bons fundamentos, no passo duma obra que cita Plínio, escreveu que no território de Lisboa se extraiam com grande trabalho carbúnculos do barro torrado pelo sol. O único lugar nas proximidades de Lisboa onde hoje se encontra esta particularidade de extracção é próximo de Belas, como diz o Sr. Choffat: «*Cette assertion se rapporte évidemment aux fossés du Suímo, seul point des environs où*

¹ Esta versão é a de Pinho Lial. Em 1895 contaram-me na serra a mesma tradição com alguma variante. Umas freiras (!) de Ermelo quiseram fundar outro convento no tal sítio do Pedrinho ou da Pedrada (este é o ponto mais alto do Outeiro-Maior), mas no primeiro inverno tiveram de descer dos altos, ergueram uma cabana, que deu origem a Cabana-Maior no sítio que se chamou Bouças-Donas. Outra variante é a do pároco depoente de 1758, n-O Arch. Port., II, 316. A verdade é que estas variantes têm traços comuns.

les grenats rouge feu (carbunculus) se montrent en conditions d'être exploités». Não é este o único ponto onde essas pedras se encontram, como nos vai dizer ainda o Sr. Choffat: «Le gisement de grenats le plus voisin du Suímo est à 8 kilomètres, au contact du calcaire jurassique et du laccolite granitique tertiaire de la Serra de Cintra, ce qui fait naître l'idée d'un laccolite plus ou moins analogue au-dessous du horst de Caneças, mais les grenats de Cintra sont fort différents». Mas só as granadas de Belas, diz o mesmo geólogo, se conservam em basalto de tal forma duro, que a extracção se torna difícil: «Une autre corroboration est leur présence dans une roche dure; nous voyons en plus qu'on les obtenait au moyen de travaux onéreux, ce qui correspond bien aux grands fossés du Suímo».

Além de Boccho e Plínio, Pompónio Mela fala das gemas da foz do Tejo, Solino da pedra preciosa (gema), chamada ceráunio, existente nas costas da Lusitânia, Sidónio Apolinário da pedra de raio¹ da Espanha e o visigodo Santo Isidoro do ceráunio das costas da Lusitânia.

Com estes escritores podemos fazer dois grupos. Boccho, Plínio e Pompónio Mela mencionam carbúnculos e gemas, que são as granadas localizadas no Suímo; Solino, Sidónio e Santo Isidoro descrevem a pedra de raio escura, também localizável ali, como se vai ver, sob o nome de anfibolite. Além dos fragmentos de granadas, alguns «à coloration parfois tellement intense que ce n'est que par la transparence des bords que l'on peut se convaincre qu'ils ne sont pas noirs», o Sr. Choffat diz que «Les fragments de cristaux d'amphibole, d'un noir très vif, sont très nombreux, ainsi que ceux d'augite». Noutro lugar diz o citado geólogo sobre os basaltos da mina: «Ils empâtent de gros cristaux d'amphibole; le plus grand que j'ai observé, a 6 centimètres de longueur, mais est incomplet. C. Ribeiro dit qu'ils atteignent 1 décimètre». Cabia-lhes, portanto, bem o nome de piropo que Solino lhes deu.

É preciso atender que a ciência remodelou a terminologia empregada pelos antigos, que se regulavam apenas pela côr da pedra, ao passo que os modernos respeitam a estrutura do cristal e a sua composição química.

¹ Lemery, em 1700, é o primeiro que mostra a verdadeira origem das pedras de raio (Landrin, *Dict. de Minéralogie*, p. 95). Em 1762 ainda diz o P.^o Teodoro de Almeida, a p. 466 do vol. xi da *Recreação Filosófica*: «Silv. Sempre ouvi dizer, e o tras Avicena, que os raios traziam pedra; e me tem mostrado algumas, que eu vi com os meus olhos».

Landrin no *Dictionnaire de Minéralogie*, publicado em 1864, diz a respeito do carbúnculo em geral o seguinte: «C'est le *carbunculus* de Pline, mot fait de *carbo*, charbon, parce qu'on disait qu'il brillait comme un charbon allumé. Quelques auteurs prétendent que *carbunculus* doit se traduire par rubis; on l'appelle escarboucle en français» (p. 91). No mesmo *Dictionnaire*, a p. 359, diz-se do piropo: «Du grec *pyr*, feu, et *ops* oeil; oeil de feu, escarboucle».

Nos escritos medievais, ou lapidários, repetem-se as palavras de Solino e Santo Isidoro; obras, porém, que me ficaram na sua quase totalidade inacessíveis.

Antes destes escritores encontra-se no Grego Diodoro Sículo notícia de carbúnculos existentes numa ilha da Hespéria, região indeterminada e que se localiza em certa época na Hispânia. Como o referido autor é muito obscuro nas suas afirmações, pode ser que chegasse aos seus ouvidos a notícia das pedras de Lisboa e a coloasse nesta parte da sua *Bibliotheca*. É necessário observar que em Tenerife, uma das Hespérides (hoje Canárias) se encontram as referidas pedras, bem como um vulcão¹.

A localização dos carbúnculos ou a aproximação das pedras conhecidas pelos romanos com os jacintos de Belas, apontados em 1563 por Garcia da Orta, não se verificou logo; ainda em 1790 o espanhol Masdeu parecia ignorar esse facto.

A primeira vez, porém, que encontro uma tentativa de aproximação, e por sinal errada, é em 1610. Num romance, o alferes Segura escreveu:

Ay en ti piedras redondas
De las cuales Plinio escribe, ...

Luis Marinho de Azevedo é o primeiro que localiza as pedras de Boccho, Plínio, Mela e Solino em Belas, na obra publicada em 1652; mas os autores, que se lhe seguem, dão pouco ou nenhum relêvo a este ponto, o que só recentemente o Sr. Choffat estabeleceu em bases científicas.

Quando este ilustre geólogo publicou o seu estudo, ainda não fôra encontrado o inventário dos objectos de uso do infante D. Dinis, depois rei em 1279, e por isso não ficou devidamente documentada a exploração das minas de Belas durante a Idade Média. Nesse documento datado de 1278 fala-se em «onze pedras yagonças de

¹ Teofrasto (Jannetaz, I, p. 170) no séc. III, antes de Cristo, escreveu que os carbúnculos saíam de Cartago e de Marselha.

belas alamandinas», a par de «çafiras, robis, esmeraldas, jacintos, torquesas, calçadónias, cornallinas, matistas, jaspes vermelhos, capalardinas, sotopaças, sardonias e yagonças granatas».

Temos pois mais dois termos novos para denominar as pedras de Belas, os quais estavam em uso na Idade-Média, e que hoje não são conhecidos em Português. Ainda no séc. XVI o termo jagunço era empregado, como lemos em Damião de Goes, *Crónica de D. Manuel*, parte II, cap. XI, fl. 18 v da edição de 1566, a respeito da ilha de Zeiland, pertencente às Maldivas, onde «ha muita pedraria .s. rubis, balais, jacintos, çafiras, topazios, jagonças, amatistas, crisólitas de olhos de gato». No *Lapidário del Rey D. Afonso X*, luxuosa publicação feita em Madrid em 1881, lê-se: «en arábigo Yacoth, et en latin yargonza amariella», a p. 60 (69 v do ms.) e a p. 64 vem *yargonza bermeja*. Landrin no seu citado *Dicionário*, a p. 215, diz a respeito de *jargon* o seguinte: «Nom donné par les lapidaires au zircon. Il est probable que le mot de *jargon* vient de l'arabe *jarkan*, qui indique la couleur verte. On nomme *jargons* d'Auvergne de petits cristaux d'hyacinthe qui se trouvent près du Puy»¹. É para melhor classificação que as pedras jagonças são denominadas alamandinas, isto é, de côr vermelha escura. Landrin, a p. 193, agrupa estas pedras da seguinte maneira: *Grenat almandin ou almandine, pyrope, grenat syrien, grenat oriental, hyacinthe-la-belle des Italiens, vermeille des lapidaires, grenat de fer des anciens minéralogistes*.

É evidente que *jagonça*, *yargonza*, *jargon* e *zircon* vem do árabe.

Não sei quem fosse o primitivo proprietário das minas; é certo, porém, que elas estavam em 1499, na posse da infanta D. Beatriz, filha do infante D. João, a quem fôra dado em 1441 a lavra das minas de pedras preciosas dum-a parte do reino. Esta princesa foi depois autorizada a explorar as minas, que houvesse nas terras de seus filhos menores. A referida infanta fazendo doação da vila de Belas a Rodrigo Afonso reservou os caboucos e terra «em que dizem que se acha pedraria porque estes poderey eu mandar abrir e me aproveitar delles quando me prouver e se achar que é mina podella ey deixar a quem me prouver e nom entrará no aforamento». Escritores muito posteriores ao caso afirmam que a mencionada infanta legara essas terras a seu filho o rei D. Manuel, o que não pude verificar em consequência de me não ter sido possível ver o testamento dessa senhora.

¹ No inventário da casa de D. Dinis em 1278, cita-se uma *çafira Dalpoi*, isto é, safira del Poi (du Puy).

Ainda hoje se vêem no lugar do Suímo grandes trincheiras cavadas no basalto, achando-se no entulho pedras com incrustações de fragmentos de cristais de granadas.

O Sr. Choffat escreveu a p. 186 do seu trabalho: «A 200 mètres au Sud du signal [géodésique], on voit les ruines de bâtiments importants, avec armoiries, et une maison connue sous le nom de Casal do Suímo». O seguinte anúncio, publicado na *Gazeta de Lisboa* de 26 de Outubro de 1831, fornece-nos um fio para fazer a história da propriedade: «Nos dias 31 de Outubro, 2, e 3 de Novembro, pelas quatro horas da tarde, em casa do Desembargador Alberto Carlos de Menezes, Juiz Administrador da Casa do falecido Ruy Galvão Mexia Moura Telles e Albuquerque, morador na rua direita dos Anjos n.º 5, se ha de arrendar pelo tempo de quatro annos, o casal de Suímo e Vale de Canno, na Venda Secca; e bem assim os Corredouros do Aguião, no distrito da Villa Franca, pelo mesmo tempo, para ter principio o casal em o 1.º de Janeiro proximo de 1832, e os Corredouros para começar em 16 de Agosto do corrente anno em diante, tudo pertencente á dita casa: todas as pessoas que pretendarem arrendar tudo, ou cada propriedade de per si, podem comparecer na casa do dito Juiz Administrador nos referidos dias e horas; e no acto da arrematação se farão patentes as condições dos arrendamentos». O referido Rui Galvão, filho dum estribeiro-mor da Casa Rial, tornou-se notável por desacertos de toda a espécie e que constam de processos do Desembargo do Paço, guardados na Torre do Tombo. Era proprietário dum palácio na Rua dos Mouros, em Lisboa, edifício adornado de belos azulejos e onde esteve largos annos a imprensa de eujos prelos saia a *Folha do Povo* (antigo *Trinta Diabos*). Esse edifício, onde é tradição infundada pousou D. João VI alguns dias depois do regresso do Brasil, foi recentemente transformado por completo.

O Sr. Choffat, depois de se referir à exploração das minas na época romana, termina assim a sua comunicação: «Il y aurait eu postérieurement de petits travaux de recherches, auxquels il faut peut-être attribuer la galerie dont parle l'auteur de 1751 et les fouilles exécutées il y a vingtaine d'années dans quantité de filons du voisinage, quoique l'on n'ait pas pu me renseigner sur leur but».

Todos os trabalhos que se empreendam para reanimar a lavra das minas de Suímo serão destinados a não ter remuneração. Ouçamos o que diz o mineralogista espanhol Calderón¹: «La sierra Alha-

¹ *Los minerales de España*, Madrid, II, p. 364.

milla y El Hayozo son las localidades más famosas y antiguamente conocidas de España por la abundancia de sus grenates. De ellas, y particularmente del barranco ó rambla de *Las Granatillas*, hizo ya Bowles em 1782 gran elogio en este respecto, diciendo que se podian recoger aquellos alli á cargas según su expressión... Estos granates del cabo de Gata han sido objeto de explotación en diferentes ocasiones, y en 1903 se declararon como recogidas alli 185 toneladas, valiendo 3.760 pesetas, cifra que decayó á 100 toneladas en el año siguiente. Se está haciendo en la actualidad gran exportación de estos granates para emplearlos molidos y mezclados después con una pasta, fabricando las llamadas piedras de esmeril, que sirven para desgastar el mármol, limpiar cuchillos y otra infinidad de aplicaciones conocidas, tratándose del esmeril verdadero».

Afirma-se que a decadência da lavra das minas do Suímo provém da considerável importação de pedras preciosas do Oriente, as quais inundaram Portugal depois do descobrimento do caminho marítimo da Índia, o que parece verdade. Poder-se-ia alegar para prova o trabalho de Garcia de Orta nalgumas das suas páginas; basta-nos, porém, o seguinte trecho dum manuscrito do séc. XVI, com o n.º 8571, fl. 237 (Bibliot. Nac. de Lisboa): «Granadas. Esta calidade de pedras granadas são de tam pouco estima que por boas que sejão he mais ho embraço que o proueito delas porque a melhor delas val vimtem e dahi pera baixo ate uirem a ualer meo Real em ceitis he é se alqua acerta a ser gramde e limpa e muito boa numqua mais valeo que hum par de cruzados e entoces a chamão Roba são de cor vermelha como vinho muito corado. A bondade delas he ser mui tresparemte na cor que poucas vezes se acha... Asy lla na India hay saquinhos de Robins e de Jacintos e de aljofare que se não pode ffurar a que a todo chamão ser pera botiqua, que todo não he cousa de proueito nem he pera a comprar e se vier a uolltas de outra merquadoria que a não queirão dar sem esta Ruym em tall caso, o que comprar ade oulhar que de tall preço que ffigue a Ruym de graça que tudo ade ffiguar ao juizo do comprador».

Em 1778, o celebre Dolomieu reconheceu a natureza vulcânica dos arredores de Lisboa. Em 1789, Domingos Vandelli examinou pela primeira vez scientificamente o Suímo e o seu produto.

O primeiro mineralogista, que classificou as granadas de Belas entre o zircão, foi o alemão Rau em 1818; creio, porém, que a classificação provenha de Haüy, visto que esse sábio possuía uma amostra do basalto dessa região e que lhe levara Geoffroy Saint-Hilaire, conforme diz em 1813 Lucas.

O nome de Suímo encontra-se também na freguesia da Sabachéira, no lugar onde surge um ribeiro, em 1285 chamado do *Sumho* (chancelaria de D. Dinis, liv. I, fl. 142) e hoje de Ceissa, afluente do Nabão; e em S. Catarina da Serra (Leiria) sob a forma Val do Sumo. Parece-me que esse nome é um substantivo verbal derivado de *sumir*, devendo dizer-se *suímo*, com acento tónico no *u*, como popularmente se dizem as palavras *ruína* e *ruivo*. A significação do termo deve ser *sumidoiro*. A leitura *suíno* (porco) tem de ser rejeitada. Sem a existência do arcaico *sumho*, ser-se hia levado a crer que o étimo daquela palavra era o latim *summus*. Na divisão apocrifa dos condados de Teodomiro encontra-se menção na Galiza do monte *Summo* (Florez, *Espanha Sagrada*, t. IV, p. 164 da 3.^a edição).

Mais considerações que poderia fazer sobre as minas, deixa-las hei para o estudo que talvez faça sobre a história de Belas, para a execução da qual possuo já alguns materiais.

PEDRO DE AZEVEDO.

Impressos

I

Século I antes da era cristã

Versão latina: «Insula haec [Hesperia], aiunt, spatiova est... Hae igitur Amazones, quum fortitudine praestarent, belli cupidine excitaiae, insulae primum urbes suae potestatis fecerunt, praeter Mena, ut vocant, pro sacra habitam quam Aethyopes Ichthyophagi incolunt, magnis ignium exhalationibus aestuantem lapidumque pretiosorum, quos Graeci anthraces, id est carbunculos sardiosque et smaragdos vocant, divitem».

(Diodoro Sículo, *Bibl. historicae quae supersunt*. Didot, vol. I, 1842, p. 166).

Versão francesa: «L'Isle Hespérie est fort grande... Les Amazones, portées par leur inclination à faire la guerre, soumirent d'abord à leurs armes toutes les villes de cette Isle, excepté une seule qu'on appelloit Méne, & qu'on regardoit comme sacrée. Elle étoit habitée par des Ethiopiens Ichthyophages, & il en sortoit des exhalaisons enflammées. On y trouvoit aussi quantité de pierres précieuses comme des Escarhoucles, des Sardoynes, & des Emeraudes».

(L'abbé Terrasson, *Histoire universelle de Diodore de Sicile*, I, Paris, 1737. p. 436).

II

Século I da era cristã

«Tagi ostium, amnis gemmas aurumque generantiss.»

(Pomponii Melae *de chorographia*. Ed. de Frick, 1880, p. 57. Coll. Teubner. Cf. *Jornal de Coimbra*, vi, p. 186).

Versão francesa: «L'embouchure du Tage, fleuve qui produit de l'or et des pierres précieuses».

(*Collection des auteurs latins avec la traduction en français, publiée sous la direction de M. Nisard*. Didot, 1850, p. 645).

Versão portuguesa: «A foz do Tejo, rio que produz ouro e pedras preciosas».

(Gabriel Pereira, *Fragmentos relativos à historia e geographia da peninsula iberica. Plinio e Mela*, Evora, 1880, p. 30).

III

Século I da era cristã

«Bocchus et in Olisiponensi erui scripsit, magno labore ob argillam soli adusti».

(Peter, *Historicorum Romanorum fragmenta*, 1883, p. 297. Coll. Teubner).

IV

Século I da era cristã

«Theophrastus auctor est et in Orchomeno Arcadiae inveniri et in Chio, illos nigriores, e quibus et specula fieri; esse et Troezenios varios intervenientibus maculis albis, item Corinthios, sed pallidiores e candido; a Massilia quoque importari. Bocchus et in Olisiponensi erui scripsit, magno labore ob argillam soli adusti».

(Plinio, *Nat. Hist.*, lib. xxxvii. Edição de Mayhoff, 1897, vol. v, p. 423. Coll. Teubner).

Versão francesa: «D'après Théophraste (*De lapid.*, p. 7), on en trouve aussi à Orchomène d'Arcadie et à Chios; celles d'Orchomène sont plus sombres, et on en fait des miroirs; celles de Trézène sont de diverses couleurs, et parsemées de taches blanches; il y en a à Corinthe, mais celles-ci sont plus pâles et tirent sur le blanc; il en vient aussi par Marseille. Bocchus a écrit qu'on en trouvait de fossiles

dans le territoire d'Olisipon, et qu'on les extrayait avec grand labeur, le terrain étant argileux et brûlé par le soleil».

(Littré, 1850, II, p. 552. *Collection des auteurs lat., etc., publiée sous la direction de M. Nisard*).

V

200 a 300

«Lusitanum litus floret gemma ceraunio plurimum, quod etiam Indicis praefrerunt: huius ceraunii color est e pyropo: qualitas igni probatur: quem si sine detimento sui perferat, adversum vim fulgurum creditur opitulari».

(C. Julii Solini *Collectanea rerum memorabilium*, Berlim, 1895, p. 104. Edição de Mommsen).

Versão italiana: «Il lito di Lusitania é molto eccellente per la gemma Ceraunia; laquale etiandio preferiscono alle Indiane; il colore di questa pietra é simile alle bracie, la virtù sua si proua al fuoco: percioche se postauì, non é offesa da quello, si crede che gioui contra la forza del fulmine».

(Gio. Vincenzo Belprato, conte di Anversa, *Delle cose maravigliose del mondo*, Veneza, 1557, p. 119).

Versão espanhola: «La ribera de Lusitania es muy excelente, y memorada por la piedra del rayo que en ella ay, la qual prefieren à las Indianas. El color desta piedra es como el del carbunclo, su virtud se prueua al fuego: porque si lo sufre sin recebir daño, se cree que vale contra la fuerça del rayo».

(Christoval de las Casas, *De las cosas maravillosas del mundo*, Sevilha, 1573, p. 71).

Versão portuguesa: «Nas costas da Lusitania existe em grande quantidade a pedra preciosa chamada *ceraunium*, superior ás da India; é da cõr do pyrópo, e a sua qualidade experimenta-se com o lume: se resiste á accão d'este, julga-se que tem virtude contra o raio».

(Dr. Leite de Vasconcelos, *As religiões da Lusitania*, 1905, vol. II, p. 107).

VI

458

«... naves Hispania defert,
Fulminis et lapidem : scopulos jaculabile fulgur
Fucat, et accensam silicem fecunda maritat
Ira deum; quoties coelum se commovet illic,
Plus ibi terra valet...»

Versão francesa: «... l'Espagne apporte des vaisseaux et la pierre de foudre; en ces lieux les traits du tonnerre colorent les rochers, et la colère des dieux s'unît à la pierre brûlée qu'elle féconde: plus le ciel s'émeut, plus s'enrichit la terre».

(*Sidonii Apollinaris Carmina. Tradução de Barret, 1887, p. 214. Coll. des auteurs latins, etc., publiés sous la direction de M. Nisard*)¹.

VII

570 a 636

«Ceraunium alterum hispania in lusitanis littoribus gignit cui color pyropo rubenti et qualitas ut ignis. Hec aduersus vim fulgurum opitulari ferunt, si credimus. Dicta autem ceraunia: quam alibi non invenitur quam in loco fulminis ictui proximo. Grece enim fulmen ceraunos dicitur».

(S. Isidoro, *Etymol. xvi, cap. xiii*, Veneza, 1483, p. 81).

VIII

Século XIII

«Ceraunius lapis esse fertur cristallo similis, infecto colore ceruleo, qui dicitur cadere aliquando de nube cum tonitruo & inuenitur in Germania & Hispania, sed Hispanus est candens ut ignis, prouocat dulces somnos ut dicunt, & ad prelia & caussas uincendi & contra pericului tonitrui dicitur operari».

(Raimundi Lulii Maiorici philosophi acutissimi, medicique celeberrimi *De secretis naturae sive Quinta essentia libri duo*. — *His accesserunt Alberti Magni Summi Philosophi: De Mineralibus & rebus metallicis Libri quinque*, Argentoratum, 1541, p. 96 v.).

IX

Séculos XII a XIV

- «En Germaniae la prent l'om
 «596 L'autre ressemble papirun, (piropo?)
 Ne fou ne flame ele ne crient;
 Ceste pierre d' Espanie vient».

¹ O que diz Cláudiano em louvor de Sérêna (trad. francesa de Nisard, de 1850, p. 679): «les Nymphe des fleuves cueillirent dans les antres des Pyrénées ces pierres qui étincellent de feux de la foudre», não pode dizer respeito à Lusitânia.

- «936 Fait li ceraune sans chalonge.
De devers Engleterre viennent
Cil qui color de cristal tiennent.
Mais plus luisent et resplandissent
940 Celles qui d' Espaigne nos issent».
- «Si une vient en dolce France,
732 Coe dit li livres par fiance;
Li autre en Espaigne vient.
Cum sal gemme sa color tient».

(Pannier, *Les lapidaires français du Moyen Age des XII^e, XIII^e et XIV^e siècles*, Paris, 1882, pp. 55, 137, 167. São traduções diversas do lapidário de Marbodo).

X

Século XV

«E cuentase Germania enbiar uno semejable al cristal mas resplandesciente con color amarillo, e el Yspano, morante en la region Lusitana, enbia otro detramante llamas e semeiable en color al pirope.

Summa. Dos son los generos delos ceraunios: uno, que enbia Germania, semeiable al cristal, mas resplandesce con color de cera, e si sea posto acatante al cielo, retiene o da resplandor de rayos de estrellas. Otro ceraunio engendra España en las riberas de Lusitana, el color del qual es semejable al pirope bermejo, e la qualidad del es assi como fuego».

(Karl Vollmöller, *Ein spanische Steinbuch mit Einleitung und Anmerkungen zur erstenmal herausgegeben*, Heilbronn, 1880, p. 28).

XI

1546

«Latini eas eadem de causa carbunculos appellant, sed ex eis qui non sentiunt ignes, à quibusdam Graceis ἀπυρτι sunt appellati, multis in regionibus reperiuntur, in Hispania circa Olyssiponem; in Gallia iuxta Massiliam».

(Georgi Agricolae *De ortu & causis subterraneorum... De natura fossilium*, Basileae 1546, p. 297).

XII

1554

«Nec a veterum sententia discrepat, qui Tagum auro, gemmisque affluere scripserunt».

(Damião de Goes, *Urbis Olisiponis descriptio*, na *Hispania Illustrata*, II, p. 884).

XIII

1557

«Vlyxippona appellatur quam Vlyxem condidisse ferunt, que pos-tea felicitas Julia cognominata fuit, nunc autem Lixbona uocitant, regalis loci sedes: in cuius agro scribit Plin. Carbunculum lapidem erui magno labore ob argillam soli adustis salibus».

(Dominici Marii Nigri Veneti *Geographiae commentariorum libri xi*, Basilea p. 29).

XIV

1563

«... jacintos ou granadas os quais jacintos ha tambem perto de Lisboa em hũ luguar que se chama belas, e asi os pode auer em muitos cabos de spanha se os buscacem, e estas duas pedras jacintos e granadas querem algüs dizer que sam especias de Robins. RVA. E do Robi, e do carbunculo que me dizeis? OR. Digo que debaixo deste nome de Robim se contem muitas especias, e a mais principal se chama em grego anthrax e em latim carbunculus que quer tanto dizer como brasa acesa».

(Garcia Dorta, *Coloquios dos simples*, Goa, fl. 165 v).

XV

1572

«Crian a los jacintos en la India aunque tambiem es fama ha-llar-se en algunos lugares de Portugal, como en Belas, no lexos de Lisboa, y en otras muchas partes de España, y señaladamente en la ribera de Tajo, junto a un monasterio de Bernardos, que esta media legua de Toledo ado se halla una fuente que llaman de los jacintos, porque tiene tantos que sale el agua por entre ellos mismos».

(Juan Fragoso, *Discursos de las cosas aromaticas*, p. 147).

XVI

1593

(Carolus Clusius, *aromat. et simplic.*, Antuerpiae, lib. III, cap. 51).

XVII

1605

«Hallase esta piedra en Etiopia: aunque tābiē ay opiniones se halla en Portugal, y en vna fuente que està en vn monesterio de

frayles Bernardos junto a Toledo: y yo he visto algunos destos, y de los que se traen de Portugal, y se pueden gastar, aunque no cõ tanta eficacia como los Orientales».

(Gaspar de Morales, *Libro de las virtudes y propiedades maravillosas de las piedras preciosas*, Madrid, 1605, lib II, cap. 11, *Del Jacinto*, fl. 119 v).

XVIII

1606

«... em Bellas, junto de Lisboa, ha grande copia de jacintos de maior dureza que os orientaes, ainda que menos abertos na cor».

(*Panorama*, vol. IV, 1860, p. 350: *Abundancia de minas em Portugal*. «Vem appensa ao autographo da 2.^a parte da *Monarchia Lusitana* uma carta do Prior Bernardo de Brito escripta em 1606, para um senhor deste reino». Reproduziu-se na *Hist. de Port.* de Pinheiro Chagas, I, cap. XXI).

XIX

1609

«Reperitur ceraunias in variis Germaniae locis & in Hispania sandenti colore et ignis ferme¹».

(Anselmi Boetii de Boodt etc. *Gemmarium et Lapidum Historia*, p. 239).

XX

1610

«Ay en ti piedras redondas
De las quales Plinio escribe,
Cerca de Sanctos el Viejo
Que vna Cruz a todas ciñe.
Que metidas en la mesa
Si es que breuedad se pide,
Sazonan al punto al pan
Y dellas suelen seruirse.

(*Primera parte del Romancero historiado etc. Por el alferes Francisco de Segura*, Lisboa, 1610, fl. 68 v)².

¹ Na biblioteca da Ajuda, segundo me informa o Sr. Jordão de Freitas, existe uma tradução francesa desta obra, publicada em 1644, de que é autor André Toll e tem o seguinte título: *La parfaict ioailler ov Histoire des pierre-ries: ov sont amplement descriptes leur naissance, iuste prix, moyen de les connoître, & se garder des contrefautes, Facultez medicinales, & proprietez curieuses*. Em 1647 reimprimiu-se o original de Boecio de Boot juntamente com a obra de J. Laet de *gemmae et lapidibus* e o *liber de lapidibus* de Theophrasto.

² Miguel Leitão de Andrade escreveu em 1629 na *Miscellanea*, a pg. 45: «E na praia de santos o velho de Lisboa, que he para Alcâtara, se tem achado

XXI

1610

«Duas legoas de Lisboa no termo de Bellas, villa de Francisco Correa, se achão Hyacinthos mui finos & em muita quantidade, huns pegados em sexos & em pedras, & outros soltos em cima da terra laurada de nouo, os quaes são tam rijos, & tão finos como os da India, mas algum tanto mais obscuros, pelo que não parecem tam pelucidos, & transparentes».

(Duarte Nunes de Leão, *Descripção do Reino de Portugal*, Lisboa, fl. 44).

XXII

1620

«Acima de Bemfica está a villa de Bellas, villa muy nomeada, por ser muy fresca, & abundante de agoas, sendo toda murada, & cercada de fortíssimos muros, & torres; junto a esta villa está húa fresquissima Ribeira, na qual se achão finíssimos Hyacinthos, o que digo como testemunha de vista, que os busquey, & achey mais de mea duzia em hum dia de chuva».

(Fr. Nicolau de Oliveira, *Livro das Grandezas de Lisboa*, Lisboa, fl. 84 v.).

XXIII

1621

«Praeter multi generis metalla, pretiosos item lapides hoc in Regno Scriptores pristini meminere; primae aestimationis pyropos in Lusitania scribit Plinius, quos lib. 3, cap. 7, naturalis historiae appellat Carbunculos; Et libro eodem tradit in ea Hispaniae regione, quam Oceanus extremam circumlit, pulcherrimos inveniri pretiosos lapides. Constat verò id temporis non ab exteris Regnis in Lusitaniam asportatos, sed in eodem incolarum studio, & industria repertos. Cum verò, post apertum Oceanum, ex India tantus eorum numerus afferatur, potius ducunt Lusitanie remotissimis adducere, quam suo in Regno defossa tellure investigare».

muitas pedras, é cada dia se achão, q̄ são quasi como húa ouo piqueno amassado, & com húa Cruz de Malta dumā banda, & da outra releuadas & em algúrias dellas gotinhas de sangue, & tambem se achão dêtro aly no mar, que parece o permitte Deos, à honra destes santos Martires Verissimo, Maxima, & Julia, todos Irmãos, que aqui forão martyrizados o primeiro dia Outubro sua festa».

«Duabus ab Vlyssipone leucis in Oppido Bellas Hyacinthi inveniuntur, alij lapidibus alijs adhaerentes, soluti alij, & supra defosam ab Agricolis tellurein, qui duritie certant cum Indicis, sed obscuriores aliquantulum, neque pellucidi adeo, ac transmictantes».

(P.^o Antonio de Vasconcelos, *Anacephalaeoses*, Antuerpia, pp. 417 e 418).

XXIV

1628 •

«Carbuncos llamó Plinio a los Rubis que de Portugal llevaban los estraños, diciendo que muchas varias se hallavan a la parte del Oceano de España, que es todo nuestro Reyno. Obsidiana llama a una de que se hazian baxillas como de cristal, menos claro i mas duro: dellas eran las urnas ó pomas en que guardavan los antiguos las lagrimas lloradas por los difuntos. Los cristales alaba mucho el propio Autor i su grandeza: en la villa de o Crato no ai pocos. Jacintos en la villa de Belas finissimos».

(Manuel de Faria y Sousa, *Epítome de las historias portuguesas*, Madrid, p. 655; *Europa Portuguesa*, tomo III, 1680, p. 183; e *Historia del Reyno de Portugal*, 1779, fl. xxvj.).

XXV

1636

«Lusitanum littus pollet gemma Ceraunia, quam etiam Indicis praeferunt. Huius cerauniae color est è pyropo; qualitas igni probatur, quem si sine detrimento sui perforat, adversùs vim fulgurum creditur opitulari. Solinus cap. 36. *Polyhistoris*, Isidorus lib. 16. cap. 13. & Zanardus de vniverso elementari, quaest. 53. addit Plin. lib. 37. cap. 9. & 10. Gemmam Cerauniam cadere cum imbribus, & fulminibus nec alibi inueniri, quam in loco fulmine icto, idémque Isidorus *ibidem*.

(Caesius, *Mineralogia sive Naturalis philosophiae Thesauri*, Lugduni, p. 605).

XXVI

1642

«Plinio lhe [ao carbunculo] dá o principado entre todas as pedras preciosas, e nellas ha machos que reluzem mais, e femeas que reluzem menos; e humas e outras, escreve o mesmo Plinio, por authoreidade de Boco, averem-se achado em a nossa sempre nobre, leal e augusta cidade de Lisboa».

(João Franco Barreto, *Relaçam da Viagem que a França fizeram Francisco de Mello, Monteiro Mór do Reyno*, p. 95 da 2.^a edição de 1918).

XXVII

1645

«Hodie intra Lusitaniam solum optimum & multum stagnum effoditur in Beirae provinciâ; auri inveniuntur grana in aliquibus fluminibus, ac in aliis locis aliqui pretiosi lapides ut testantur; *Eduard. Nunius in descript. Portug. cap. 14, & 23. Pater Ant. de Vasconcellos in eadem descript. Britto in Monarch. Lusit. lib. 3, cap. 14. Faria in epit. hist. p. 3. cap. 7. n. 17. & p. 4. c. 11. Fr. Nicol. de Oliveira in tract. grand. Lisbon. tract. 1. cap. 4. & tract. 2. cap. 5.* de his tamen, quia parvi momenti, non multum curandum».

(Antonio de Sousa de Macedo, *Lusitania Liberata*, Londres, p. 19).

XXVIII

1647

(*Joann. de Laet Gemmis et lapidibus*, Lus. Batav, 1647, lib. 1, cap. 2).

XXIX

1648

«Nihilominus, ad mentem Mylij, nascitur [Hyacinthus] etiam in Lusitania... In nonnullis etiam Hispaniae locis reperitur».

(*Aldvandi Musaeum metallicum* Bartholomaeus Ambrosinus laborero, et studio composuit, Bolonha, p. 964).

XXX

1652

«E quanto aos Iacynthos, que com as purpuras havemos de entender litteralmente; despois dos Orientaes: em que parte os ha, senão no lugar de Bellas, duas legoas desta Cidade donde se trazem pelos naturaes a vender a ella cada dia? & escreve o P.^o Antonio de Vasconcellos fallando delles, que huns se achão soltos, quando desaguão os ribeiros das cheas do Inverno: outros pegados em pedras, tam duros, como os da India, mais obscuros, & de menos claridade. Duarte Nunez de Lião diz delles muitas excellencias: confirmadas por Gil Gonçales de Avila dizendo, que abunda este Reino, de Iacynthos, & outras pedras preciosas¹. E acrecentando

¹ Vascõc. in *descript. Lusit.* tit. de *lapid.* num. 4. Duarte Nun. in *descript. Lusit.* Gil Gonçal. de Avila [grandesas de Madrid] tit. del cons. de Port.

aos dittos dos AA. outros de mayor autoridade, por mais praticos, dizem nossos lapidarios serem estes *Iacynthos* muito mais duros, que os Orientaes; & terem outra excellencia, que são limpiissimos sem nenhum genero de area, pontos nem estopas: ao contrario dos Orientaes, que geralmente tem estes deffeitos, & rarissimamente se acha hum limpo de todo: mas são tam subidos de cor, que por não ficarem negros, se lavrão cavados deixandoos mui delgados, para se penetrarem mais facilmente da folha, a qual quasi sempre se lhe poem clara, & algūias vezes de prata porque lhe faça abrir, & aclarar a cor subida, que tem, & por isso seu costumado lavor he, ou cabuxão, ou como esmeralda tabola cavado por baixo: como fica dito.

E quando se quizesse oppor, que a palavra *Hyacinthus*, deve entêder-se pela cor *Jacynthina*, com as palavras que o Propheta adiante acrecentou, *facta sunt operimentum tuum*, que alludem a cobertura, vestido, ou manta, cousa diversa de pedra: se responderá, que da mesma grā fazião duas tintas, a perfeita era de purpura, & a carregada, & subida, *Jacynthina* é como se vé em todas as cores, carmesim, azul, verde, amarello, que o claro tem hūa cor, & o escuro outra. Mas entendendo as palavras litteralmente parece quis dizer o Propheta, que as purpuras de que Tyro se adornava erão goarnecidas de pedras preciosas, pelas quaes se entende a palavra *Hyacinthus*, comprehendendose nella, as que se achavão nos campos, & prayas de Lisboa, que são ilhas de Elisa em que fallou Ezechiel.

Dós *Jacynthos* fez menção Plinio¹, quando trattando de suas diferentes especies deu sinais, que tem os nossos de Lisboa cõ aquellas palauras *quaedam in iis durae sunt, rufaeque, quaedam molles, & sordidae. Bocchus autor est, & in Hispania repertas*² com que se confirma, que fallando Plinio absolutamente de Hespanha, entendeo por ella nossa Lusitania como parte sua principal. E he mui verisimil que pela palavra *Hyacinthus*, se entendão mais pedras preciosas, que os *Jacynthos*, pelo conceito, que os antigos tinhão de que junto a Lisboa se achavão inextimaneis carbunclos, como de Plino, & Solino, em seu lugar escreveremos». (P. 17).

¹ Plin. lib. 37 c. 9.

² [Na tradução de Littré, já citada, p. 557, lê-se a respeito do *chryselectrus* o seguinte: «Quelques-unes sont dures et rousses, d'autres tendres et sales. Bocchus assure qu'on en a trouvé en Espagne aussi, dans le lieu où il dit qu'on a rencontré du cristal fossile». — Nota de P. d'A.].

«Fallando Estrabão de húa notael aruore da ilha de Cadiz, diz della, que seus ramos pendião sobre a terra, & erão as folhas a maneira de espada de quatro dedos de largo, & hum couado de comprido, & cortandolhe os ramos sahia delle leite, & das raizes hum licor vermelho¹. Destas aruores disse Philostrato²: que erão duas semelhantes ao pinheiro, & estauão junto ao sepulchro de Geryão, do qual tomárão seu nome. S. Isidoro³ affirma ser húa só aruore, parecida com a palmeira, & dar goma, que chegaua a endurecer e tanto, que della se fazia a pedra preciosa, chamada Ceraunia.

Este lugar do Sancto Doutor acho encontrado com hum de Plinio, & outro de Solino, que concluem acharse esta pedra junto de Lisboa: com as seguintes palauras o refere aquelle historiador citando a Boccho & tratando dos Carbunclos: *Massilia quoque importari Bocchus, & Olysipone scripsit magno labore ob argillam sole adustis saltibus.* Estes Carbunclos escreue Plinio⁴, que se tirão difficultosamente, & que rayos do Sol, queimando a terra, os crialão no saibro della: o que Mario Negro⁵ apontou dos campos de Lisboa, nos quaes disse Solino⁶, se achauão muitas destas pedras, tão finas, que erão preferidas ás da India: porque sua cor era de fogo, & a calidad se prouava com elle, porque resistindolhe sem dano, tinha virtude contra a força dos raios; *Lusitanum littus pollet gemma Ceraunia plurimum, huius color est ex pyropo, & aduersus vim fulgurum creditur opitulari.*

¹ [Na versão de Gabriel Pereira do liv. III de Strabão, Coimbra, 1880, p. 26, lê-se: «Posidonio conta ainda que em Gadira existe uma arvore notavel porque os seus ramos curvam-se para o chão, e as folhas, algumas dum covado de comprido e de quatro dedos de largura, tem o feitio de gládios... Nota-se mais outra circunstancia na arvore de Gadira, e vem a ser: quebrando-se um ramo corre leite, e cortando-se uma raiz sae um liquido vermelho». G. Pereira diz que esta planta talvez seja a *Dracoena Draco*.—Nota de P. de A.].

² Philostr. lib. 6 cap. 19. [«Arbores etiam ibi aiunt se vidisse, quales terrarum nusquam alibi: Geryoneas eas appellari duasque esse et nasci ex tumulo, quo conditus sit Geryon, sepeciem ex pinu piceaque confusam habentes sanguine autem stillare uti auro populum Heliadem...» N. t. *Apoll.* Lib. v. p. 95 do vol. da coll. Didot, 1849.—Nota de P. de A.].

³ S. Isid. lib. 14, cap. 16. *Etym.* [«Nascitur in ea arbor similis palme, cuius gummis infectum vitrum ceraunium gemmam reddit». O cap. é o 6.^o e não 16.—Nota de P. de A.].

⁴ Plin. lib. 30 cap. 7. [Esta lição não é perfeita, no logar competente foi dada a lição correcta.—Nota de P. de A.].

⁵ Mar. Nig. coment. 3. *geograph.*

⁶ Solin. cap. 25 [A lição correcta já foi dada.—Nota de P. de A.].

Tomou a pedra este nome, porque *Ceraunos* na lingoa grega, significa o rayo na Latina: como os montes de Epiro chamados *Ceraunios*, o tomárão dos continuos rayos, que nelle cahem; & os antigos o derão a Jupiter maior dos seus falsos Deoses: têdo para si, serem os rayos arrojados por elle:

De que se hade inferir, acharẽse em tempos antigos, estas pedras preciosas nos campos de Lisboa, & cuidarão algüs, que a Ceraunia era a mesma, que *Cyaneus*: mas enganarãose, por ser esta pedra, a chamada Turqueza, & aquellas, pelos sinais que dão os Geographos, parecem ser as Saphiras, que se achauão naquelle tempo em Portugal, como hoje se achão os Jacinthos em Bellas; & pelo que se colhe de Estrabão, Philostrato, & S. Isidoro, podia hauer na ilha de Cadiz algüs aruores que dessem goma: a qual endurecida se pareceria na cor com a nossa Ceraunia; fineza, & claridade resplandecente obrigou Plinio a dizer, que era o Carbunclo inextimuel, de que se contão tantas fabulas». (P. 121).

«Por estas riquezas, & outras semelhantes que os antigos obseruárão deste rio chegou a dizer delle Pomponio Mella (lib. 3, cap. 1), que não só criaua áreas de ouro, mas tambem pedras preciosas: *Et Tagi ostium omnis aurum, gemmasque generantis;* a que se pode acrescentar o que temos escrito da pedra Ceraunia, ou Carbunclo; & por estas & outras excellencias, que elles obseruárão da nossa Lusitania disserão della, que era terra bemauenturada». (P. 184).

«Ha tambem tradição immemorial serem as pedras, que se achão na praia de Sanctos, com algüs nodoas as mesmas, porque elles forão arrastados: nas quais a deuação do pouo desta cidade, venera as gotas do sangue, que os gloriosos Martyres derramarão, & todos as estimão por reliquias suas com fé moral de serem com ellas liures de varias infirmidades. E as mulheres d'aquelle freguesia dizẽ que ordinariamente se lhes leueda a massa com mais facilidade pondoas sobre ella, & outras de sinco riscas que tambem se achão na mesma praya, dizem d'aquellas, porque os Sanctos Martyres forão arrastados». (P. 287).

(Luis Marinho de Azevedo, *Primeira Parte da Fundação, Antiguidades e Grandezas da mui insigne cidade de Lisboa*, Lisboa, 1652).

XXXI

1672

XXXII

1705

«Pliny reports that there were Rubies, which he calls Carbuncles, found in *Spain* towards the Ocean, that is in *Portugal*... Fine Hyacinths have been taken up about Belas».

(*The ancient and present state of Portugal*, Londres, p. 46).

XXXIII

1712

«Legoa, & meya de Lisboa para a parte do Norte tem seu assento a nobre Villa de Bellas, de que hoje são senhores os Condes de Pombeyro, aonde tem seu Palacio com huma grande quinta toda murada, com muitas fontes de nativas aguas, com que se regam os pomares, & muitas aruores silvestres, que a fazem muito amena, & deliciosa. He cercada de muros com suas torres, & junto a ella corre huma fresquissima ribeyra, em que se achão finissimos jacintos, particularmente nos dias chuvosos».

Da Villa de Bellas foy senhora a mäy do Senhor Rey D. Manoel, chamada D. Brites, a qual teve hum criado por nome Rodrigo Affonso de Atouguia, a quem fez merce de todas as terras abertas, & por abrir com pensão de quarenta mil reis cada anno ás Freyras da Conceyçao de Beja, a quem deyxou o Padroado da Igreja desta Villa, & o mesmo Rey D. Manoel lhe deo jurisdicção de Civel, & Crime, & os senhores della confirmão as justiças, & provém os officios de Escrivão da Camera, Crime, Civel, & Almotaçaria por suas cartas.

Do dito Rodrigo Affonso de Atouguia descenderão os mais senhores desta Villa, de que foy o primeyro senhor, & a dita senhora D. Brites reservou sómente para seu filho El Rey D. Manoel as minas do lugar do Suimo, aonde se descobrirão pedras, a que chamão jacintos».

(P.^o Antonio Carvalho da Costa, *Corographia Portugueza*, Lisboa, tom. III, pp. 51 e 52).

XXXIV

1713

«JACINTO. Pedra preciosa, que de ordinario tem a cor da flor do mesmo nome. Há tres castas de Jacintos o Oriental, que vem de Calicut, & de Cambaya, este tira à cor de laranja. O de Portugal, que assemelha a cor da flor, Bem me queres, & não he tão duro como

o primeiro. O gabadinho he o de Bohemia, que he vermelho, como escarlata».

(Bluteau, *Vocabulario*, Coimbra, tom. iv, p. 6 da letra I).

XXXV

1728

«BRUNO. Para que he hir tão longe, se aqui nas prayas de Santos os Velhos por dia dos Santos Martyres Verissimo, Maxima, & Julia aparecem humas pedrinhas roliças com húa Cruz impressa: & algúas com pingas de sangue (eu tenho húa destas perfeytissima) em memoria, de que morrerão alli apedrejados aquelles heroycos & valerosissimos Atletas pela Fé de Jesu Christo, segundo consta de hum Hymno antiquissimo, que allega o Padre Frey Agostinho de S. Maria (diligente explorador das antiguidades da Lusitania) na *Hist. Tripartita*, trat. 1. fl. 71».

Fracti sunt laqueis, saxa per aspera
exculsit fluidus sanguis imaginem
non vi, nec manibus, sed cruce fulgida
testantur lapides fidem.

E o Alferes Francisco de Segura no *Romanceyro dos Reys de Portugal*, part. I, Rom. 16, acrescenta mais a virtude destas pedras, dizendo de Lisboa:

Ay en ti piedras redondas
.....etc.

(Custodio Jesam Baratta¹, *Recreação Proveytosa*, Lisboa, Primeira Parte, p. 273).

XXXVI

1751

«Pela parte do Sul desta Villa passa hum ribeiro, em cujas quebradas se achão finíssimos jacintos».

«Ha no Termo desta Villa hum monte minado por baixo, chamado commumente as Minas do Suimo: hé bastante cavado: entrando-se nelle com luz, com o reflexo della parece que está a gruta armada, e guarneçida de galons de ouro, que forma huma vista muito agradavel. A Senhora Infanta D. Brites, mäy do Senhor Rey D. Manoel foy Senhora desta Villa, e fez della doação a hum seu criado,

¹ É o P.^o João Baptista de Castro. Na segunda parte a p. 335 fala das pedras de corisco e de raio. Neste lugar diz que as pedras jacintos não resistem à força dos raios.

chamado Rodrigo Affonso da Atouguia, com pensão de quarenta mil reis às Freiras da Conceição de Beja; e a estas deixou o Padroado da Igreja, reservando para si as ditas Minas do Suimo, as quaes deixou a seu filho o Senhor Rey D. Manoel».

(P.^o Luis Cardoso, *Diccionario Geografico*, Lisboa, tom. II, p. 133).

XXXVII

15 de março de 1760

«As pedras vermelhas, que no Gerez se acham, tambem se encontram no districto de Bellas, não só em uma mina de agua, como me disse Simão de Vasconcellos, mas tambem em um campo, de cujas pedras teve muitas a snr.^a condessa de Pombeiro e dellas, fez um adereço, misturando-lhe diamantes a snr.^a marqueza d' Abrantes».

(*Memorias de Fr. João de S. Joseph Queiroz, bispo do Grão Pará. Com uma introducção e muitas notas ilustrativas por Camilo Castello Branco*, Porto, 1868, p. 8).

XXXVIII

1762

«Na ribeira de Bellas, pouco distante de Lisboa, e principalmente no Lugar do Suimo, ha muita quantidade das pedras preciosas chamadas Jacintos, que na cõr arremedão muito á flor Bemmequer».

(P.^o João Baptista de Castro, *Mappa de Portugal*, Lisboa, t. I, p. 172).

XXXIX

1765

«CERAUNIA. Pedra, que tem varias cores e figuras, hora branca, hora negra, hora cõr de fogo, hora verde; humas vezes redonda, outras comprida, outras pyramidal: dizem que resiste ao fogo. Esta se acha na America Meridional, e diz Luiz Marinho que tambem nos campos de Lisboa: tem a virtude de sarar e impedir as hernias, applicando-a sobre ellas».

(José Monteiro de Carvalho, *Diccionario Portuguez das plantas, arbustos, matas, arvores, animaes quadrupedes, e reptis, aves, peixes, mariscos, insectos, gomas, metaes, pedras, terras, mineraes, etc.*, Lisboa, 1765, p. 156).

XL

1788

«Na ribeira de Bellas, no Logar de Suimo principalmente, se acham Jacintos. No Algarve ha Rubins. Construio-se huma Custodia

para a Real Capella de Villa Viçosa cravejada de pedras, que se achârão nos seus contornos».

(D.^{or} José Antonio de Sá, *Compendio de observaçoens, que fórmaõ o plâno da viagem politica e filosofica que se deve fazer dentro da patria*, Lisboa, p. 18).

XLI

1789

«Desde Sueiro, Bellas, Queluz, até á Ajuda, e Alcantara, Necessidades, e Campolide, muita parte dos montes são produzidos de antigos, e extintos Vulcanos, constão de huma lava, ou basalte preto, não cristalizado, entre o qual em Sueiros (*sic*) junto a Bellas, se encontrão excelentes *jacinthos*, e *granadas*, e nas fendas deste basalte se acha hum amianto, que parece papelão, mais flexivel do que o Amianto *fragil*, que ultimamente veio do Brazil».

(Domingos Vandelli, *Memoria sobre algumas producções naturaes deste Reino, das quaes se poderia tirar utilidade nas Memorias Económicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, t. I, p. 178. Traduzido em 1820 por Zincken nas *Nachrichten aus Portugal*).

XLII

1790

«El Obsidiano de la Lusitania, que era un azabache negrissimo y reluciente, se estimaba mucho por su lustre, y con el se hacian camafeos y otra alhajas de primor.

Entre las piedras preciosas conocian los antiguos Romanos los *Amatistos* de Cataluña, que se hallan nombrados en una lápida da Vique; los Ceraunios ó Piropos de los montes Pirineos, de que habló Claudio; los Carbunclos de Lisboa muy semejantes á los Rubies; y los *Crisolitos* de Andalucia, insignes por su tamaño. Conocerian tambien las *Esmeraldas* y *Jacintos* de Portugal, las Turquesas de Zamora....»¹.

(Masdeu, *Historia Critica de España*. Madrid, t. VIII, p. 76).

XLIII

1792

«Em quanto a pedraria, ha Diamantes no Tejo e Cávado; e neste Jacinthos, Amethystas e Crystaes; Turquezas (azuis escuras) em

¹ Plinio, *Historia Naturalis*, t. 5, lib. 37, cap. 7 y 9, pp. 389, 400. Claudio *Laus Serenae Reginae*, p. 239, Huet, *de Navigationibus Salomonis*, cap. 3, n.^o 3 col. 1523, cap. 7, n.^o 8, col. 1542.

Borba, em Bellas Jacintos da cõr dos bemmequeres; e no Algarve Rubins. Desta rica pedraria Portugueza se vê cravejada a Custodia da Real Capella de Villa Viçosa. Mapp. de Port. P. I. C. II. Justino, Plinio, Estrabão, e outros AA. antigos exaggérão as riquezas das minas do nosso paiz».

(P.^o Francisco do Nascimento Silveira, *Coro das Musas*, Lisboa, I, p. 9).

XLIV

1797

«In *Suimo* autem prope *Bellas* ricum haec scoria praeter Hyacinthos, scoria vitream, solidam, nigram, s. vitri fossilis fragmenta saepe continet».

«Spuria».

«Hyacinthus in scoria solida, nigra».

(Domingos Vandelli, *De vulcano Olisiponensi et Montis Erminii, nas Memorias da Academia Real das Scienças de Lisboa*, t. I, p. 80. Este trabalho foi impresso entre 1780 e 1788, cf. Sr. Choffat, *Com*, IV, 185).

XLV

1799

«Tambem neste sitio ainda se respeita o precioso Monte, que no seu rico seio gerára, e dera para esmaltar a Corôa de nossos Reis, muitas pedras preciosas. Erão das Minas de Suimos (*sic*) as que se assemelhão á rubida grãa da coroada Romãa; e assim o erão as roxas Ametistas. Igualmente se achárão alli os graciosos Jacintos, os acessos Rubins, e as verdes Esmeraldas, que nos antigos thesouros apparecem enriquecendo muitos dos atavios dos nossos primeiros Príncipes, e Senhores. Estas pedras lhes servião, antes que as ouzadas quilhas Portuguezas trouxessem do descuberto berço da Aurora as Perolas luzentes, e outras Pedras brilhantes, com que as nossas não se envergonháram de emparelhar».

(Caldas Barbosa, *Descripção da quinta de Bellas*, Lisboa, p. 4).

XLVI

1804

«Abundão seus campos de Ceraunias, celebrados Rubins, gabados de Plinio, e de Jacintos estimadíssimos na antiguidade».

(P.^o Francisco do Nascimento Silveira, *Mappa breve da Lusitania antiga*, Lisboa, I, p. 243).

XLVII**1811**

«Die schönsten Hiazinthe kommen aus Zeilan. Ausserdem finden sich auch Dergleichen, . . . in der basaltischen Gegend von Lissabon; sowie auf gleiche Art in Spanien, und auf der Insel Teneriffa».

(Hoffmann, *Handbuch der Mineralogie*, Freiberg, I, p. 416).

XLVIII**1813**

«M. Haüy possède un échantillon de basalte, venant de Bellos (*sic*), à 2 lieus de Lisbonne, qui renferme des grenats».

(Lucas, *Tableau méthodique des esp. minér.*, Paris, II, p. 141).

XLIX**1817**

«[Der Hyacinth]. Die Fundörter sind . . .; in Portugall in der basaltischen Gegend um Lissabon».

(Joseph Redempt Zappe, *Mineralogisches Hand-Lexicon*, Wien, I, 467).

L**1817**

«La ville de Bélas a des carrières d'hyacinthes très-fines».

(Guingret, *Rel. Hist. et milit. de la campagne de Portugal*, Limoges, p. 9).

LI**1818**

«Zircon H., Zircon K. u. St., Zirkon a. u. b. Hausmann's Handb. der Mineralogie, Zirkon und Hiazinth Wr., bisher gohört Zirkonit Schumacher.—Zeilan, Ostindien, Frankreich, Spanien, Portugall, Oberitalien, etc».

(Ambros Rau, *Lehrbuch der Mineralogie*, Würzburg, p. 225).

LII**1820**

«Il [le grenat] n'est point étranger aux roches volcaniques d'ancienne et de nouvelle origine, puisqu'on le rencontre dans les laves de Lisbonne et dans celles du Vésuve».

(Brard, *Nouv. Élémens de Minéral.*, etc., Paris, p. 171. Este passo é extraído da 2.^a edição, datada de 1824, p. 171).

LIII

1822

«On trouve . . . , de belles grenades et de belles hyacinthes près de Belles, non loin de Lisbonne».

(Adrien Balbi, *Essai statistique sur le royaume de Portugal*, Paris, I, p. 135).

LIV

1822

«Le grenat se trouve aussi quelquefois dans les basaltes proprements dits, comme à Bellas, aux environs de Lisbonne, où le même basalte renferme aussi de l'amphibolite».

(L'abbé Hauy, *Traité de Minéralogie*, 2º édit., t. II, p. 326. A ed. de 1801 não se refere a Portugal).

LV

1824

«On en [les grenats] connaît, mais en petite quantité, dans les trachytes ou leurs débris (Hongrie, monts Evganéens), dans les basaltes (Bellos [sic], deux lieues de Lisbonne), dans les tufs basaltiques, etc».

(Beudant, *Traité élément. de Minéral.*, p. 560; as palavras acima são estranhadas da segunda edição, datada de 1832, Paris, t. II, p. 54).

LVI

1831

«...o Basalto das vizinhanças de Bellas no lugar do *Suimo* parece exclusivamente conter *Granatas* e *Zirconas*, que se acham nas areias da pequena ribeira vizinha. (Veja-se a nota 4.ª)».

«Nota 4.ª He sem dúvida que os Basaltos das vizinhanças de *Bellas* contêm *Granatas*; o que já era conhecido pelo Padre *Antonio de Vasconcellos* (*Discript. Regni Lusit.*, tit. de *Lapidibus*, n. 4), como refere *Luiz Marinho* (*Fund. e ant. de Lisboa*, Liv. I, Cap. vi); e o celebrado *Hauy* (*Lucas, Tabl. meth. des esp. miner.*, Part. 2, Paris 1813, p. 141) possuia Basaltos com *Granatas* de *Bellas*, que levou deste Reino Mr. *Geoffroy St. Hilaire*.

Não fazendo menção dos muitos AA. nacionaes, que fallão das *Granatas* de *Bellas*, notaremos aqui alguns dos estranhos, como: *Plinio, Nat. Hist.*, Francfort 1599, lib. xxxvii, cap. 7.

Car. Clusio, *aromat. et simplic.* Antuerp. 1593, lib. III, cap. 51.
 Ferrante Imperato, *Hist. Nat. Venetia* 1672, lib. XXII, p. 531.
 Joann. de Laet, *De gemmis et lapidibus.* Lugd. Batav. 1647,
 lib. I, cap. 2.

Masdeu, *Hist. Crit. de España*, Madrid 1790, t. VIII, § 49.
 Guingret, *Rel. hist. et milit. de la campagne de Portugal.* Limoges 1817, p. 9.

Brad, *Nouv. Elem. de minéral.*, etc. Paris 1820, p. 171.

Beudant, *Traité élément. de minéral.*, Paris 1824, p. 560¹.

(Guilherme, Barão d'Eschwege, *Memoria geognostica ou golpe de vista do perfil das estratificações das diferentes rochas, de que he composto o terreno desde a Serra de Cintra, etc.*; e Alexandre Antonio Vandelli, *Additamentos ou notas à memoria Geognostica na Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, t. XI, parte I, pp. 262 e 284).

LVII

1833

«No faltan tampoco en Portugal piedras preciosas. Hay amatistas, aunque en pequeña cantidad, en la sierra de Gerez, y se encuentran jacintos, aguas marinias y turquesas en la Estrella, y belos granates y jacintos cerca de Bellas, no lejos de Lisboa».

(D. José Marugán y Martín, *Descripción geográfica, física, política, estadística literaria del reino de Portugal*, Madrid, I, p. 69).

LVIII

1837

«Desde Sueiro, Bellas, Queluz até á Ajuda, e Alcantara, Necesidades e Campolide, muita parte dos montes são produzidos de antigos e extintos vulcões, que constam de huma lava, ou basalto preto não cristalizado, entre o qual em Sueiro junto a Bellas, se encontram excellentes jacintos e granadas, e nas fendas deste basalto se acha hum amianto, que parece papelão, mais flexível que o amianto *fragil*, que veio do Brasil».

(*De algumas produções naturaes deste reino, das quaes se poderão tirar utilidade: extrahida pela maior parte das memorias económicas da acad. e do Dr. Vandelli, no Archivo Popular*, vol. I, p. 21).

¹ O abade de Castro reproduz esta lista na *Rev. Un. Lisb.* de 1848, e onde já viera no ano de 1844-45, p. 262, a qual já transcrevera em 1843 Francisco Ignacio dos Santos Cruz no *Ensaio sobre a Topographia Moderna de Lisboa*, t. II, p. 142..

LIX

1838

Em Mineralogia

«Noticia dos chamados Jacintos de Bellas, sua descripção mineralogica; de que modo elles apparecem; ha quanto tempo são conhecidos; se ainda hoje são procurados; e que uso se tem feito delles».

(*Programma da Academia Real das Sciencias de Lisboa na sessão publica de 15 de Maio de 1838*, p. 56 do *Discurso lido...* por Joaquim José da Costa de Macedo, Lisboa)¹.

LX

1839

«Jacinthos.—Em Belas».

(*Productos uteis do reino mineral, in-O Panorama*, III, p. 104).

LXI

1845

«Eu tive, não ha muito tempo em minha mão, jacinthos achados em Bellas, e granadas, tambem lá se encontram; do que temos o testimunho de diferentes autores; muitos delles até celebrados modernamente pelo Sr. Alexandre Antonio Vandelli; nas suas notas ou additamentos á memoria descriptiva sobre a natureza geognostica dos terrenos, etc. pelo Sr. Barão d'Eschwege».

«Tem-se encontrado também esmeraldas em Cintra; jacintos e topazios no Suímo; rubins em uma quinta na Venda Secca».

(Henrique José de Sousa Telles, *Sobre haver ou não haver minas em Portugal*, na *Revista Universal Lisbonense*, tom. IV, pp. 262 e 298).

LXII

1848

«A Academia Real das Sciencias de Lisboa, na Sessão Pública de 15 de Maio de 1838, no seu Programma anunciou o seguinte:

¹ Encontra-se na secção de Historia, n.º 6790 encarnado, da Bib. Nac. de Lisboa.

Em Mineralogia

Noticia dos chamados Jacinthos de Bellas, sua descripção mineralogica; de que modo elles aparecem; ha quanto tempo são conhecidos; se ainda hoje são procurados; e que uso se tem feito delles».

Não nos consta que memoria alguma sobre este objecto fosse entregue á Academia. O basalto das visinhanças de Bellas no Logar do Suimo, parece exclusivamente conter *Granatas* e *Zirconas*, que se acham nas aréas da pequena ribeira vizinha. É sem duvida que os basaltos (que alguns julgaram ser producto de antigos e extintos vulcões), das visinhanças de Bellas contém Granatas, o que já era conhecido pelo P.^o Antonio de Vasconcellos (*Descrip. Regni Lusit. tit. de Lapidibus*, n.^o 4), como refere Luis Marinho (*Fund. e ant. de Lisboa*, liv. I, cap. 6).

Na descripção da *Grandiosa Quinta dos Senhores de Bellas*, etc. Lisboa, MDCCXCIX, a p. 4, diz seu auctor Domingos Caldas Barbosa, o seguinte...

Não fasendo menção de muitos outros auctores nacionaes que falam das Granatas de Bellas, notarei aqui alguns estranhos como¹:

No xv sec. a Sr.^a Infanta D. Brites, Duqueza de Beja, mãe d'El Rei o Sr. D. Manuel, fez mercê a Rodrigo Affonso de Atouguia, do palacio, quinta e terras que possuia na Villa de Bellas, reservando tão sómente para o Sr. D. Manuel seu filho, as minas do logar do Suimo, onde se descubriram pedras que chámão granatas, etc.

Ainda hoje algumas Granatas e Jacinthos, alli aparecem, quando se lavra a terra, e em tempo de grandes chuvas.

Na casa do Ex.^{mo} Sr. Conde de Redondo, ha varias peças para ornato, e nellas engastadas Granatas etc. achadas no Suimo.

Como tambem outras pessoas, fasem uso das referidas pedras em alfinetes e anneis, etc.».

(O abade Castro, *Jacinthos de Bellas*, na *Revista Universal Lisbonense*, tom. VII, p. 426).

LXIII**1850**

«Jacinthos em Bellas».

(Paulo Perestrello da Camara, *Diccionario Geographico*, tom. II, p. 23).

¹ É a lista de Vandelli.

LXIV

1850

«Diz o P.^o Cardozo no seu dicionario que na ribeira que corre ao S. da villa se acham finissimos jacinthos».

(*Dicionario Geographico Universal*, tom. I, p. 523).

LXV

1852

«Jacintos, em Bellas e margens do Cávado».

(*Dicionario Geographico abreviado de Portugal e suas possessões ultramarinas, ... por um Flaviense... Dado ao Prelo por Antonio Fernandes Pereira, Porto*, p. 10).

LXVI

1854

«Algumas montanhas da Lusitania [forneciam] rubis, saphiras brancas, esmeraldas, e jacintos».

(Romey, *Historia de Hespanha*, traduzida por Castro Telles, Lisboa, I, p. 13).

LXVII

1855

«Basalte kommen an einigen Punkten in weiterer Entfernung in Bauten, Säulen und Nestern zum Vorschein; wie beispielsweise... und Bellas dort findet man Olivin und Granaten eingesprengt».

(Julius Freiherr von Minutoli, *Portugal und seine Colonien*, Stuttgart I, p. 19).

LXVIII

1857

«Na montanha do Suimo estão as camadas de grés rôtas por um affloramento de basalto... É no basalto desta montanha onde se exploraram e ainda se encontram as granadas de que dão noticia alguns escriptores».

Designação das nascentes e suas localidades.

«Minas do Suimo. Fonte atraz da casa do Suimo. Nascente ao poente da pyramide do Suimo e a meia encosta da montanha».

(Carlos Ribeiro, *Reconhecimento geologico e hydrologico dos terrenos da vizinhança de Lisboa*, Lisboa, pp. 69 e 137. Em 1861 Ribeiro estudou as minas, de que deixou notas e esboços, segundo escreve o Sr. Choffat no seu trabalho, p. 187).

LXIX

1863

«Suggeriram-nos esta serie de reflexões as minas do Suimo, representadas na gravura junta, porque são das mais antigas que se tem explorado neste paiz.

Estão situadas a alguma distancia da villa de Bellas, proximo da Venda Secca, e do Bomjardim, á esquerda da estrada que d'aquella villa conduz á de Mafra.

São minas de jacinthos, e a sua exploração data do reinado de D. Diniz. Foi porém no seculo xv, que a lavra tomou maiores proporções. Deram desenvolvimento aos trabalhos, primeiramente o infante D. João, filho del-rei D. João I, e senhor da quinta e villa de Bellas, por mercê de seu pae; e depois por morte do infante, acontecida em 1442, sua filha, a infanta D. Beatriz, que lhe sucedeu naquelles senhorios. Esta senhora casou d'ahi a quatro annos com seu primo, o infante D. Fernando, duque de Vizeu, de cujo matrimonio nasceu, entre outros filhos, el-rei D. Manuel.

Sobreviveu 30 annos a seu marido, e neste periodo dizem que se extrahiram muitos e excellentes jacinthos das minas do Suimo, mui puros e formosos, menos abertos na cõr, porem, mais duros que os da Asia.

Tão importante julgava estas minas a dita infanta, que quando fez doação da sua quinta de Bellas e do senhorio da villa a Rodrigo Afonso d'Athouguia, em recompensa de serviços que lhe prestara como criado seu, reservou para si as minas do Suimo, e por sua morte, em 1506, deixou-as em legado a seu filho el-rei D. Manuel.

Nessa epocha tinham grande valor as pedras preciosas de côres, e continuaram a tê-lo nos seculos seguintes, sendo muito estimadas e procuradas enquanto se não começaram a fabricar e lançar no commercio as pedras falsas, imitando perfeitamente as verdadeiras. Esta razão, e as outras que acima indicámos, a respeito das minas em geral, foram causa, sem duvida, de se abandonar a lavra das minas do Suimo.

A nossa estampa mostra de frente a cortadura da rocha, feita a meia encosta da montanha, no estado em que a deixou o acabamento da exploração.

Vêem-se na rocha duas fendas, como grutas, que se abrem na raiz della; a maior é a que está representada na gravura, a outra fica um pouco mais distante.

Dizem que o monte é minado por dentro em grande parte, e que, entrando-se com luz nessas concavidades, o reflexo faz brilhar as rochas que lhe formam as paredes e abobada, como se estivessem guarnecidadas de galões de ouro.

Nas faldas da montanha corre uma ribeira, junto á margem da qual se deitava o entulho da mina do que restam signaes evidentes».

(Vilhena Barbosa: *As minas em Portugal. Minas do Suimo: Archivo Pittoresco*, Lisboa, vol. vi, p. 179. O artigo é acompanhado de uma gravura).

LXX

1864

«Les grenats cristallins sont disséminés dans des roches anciennes, telles que la granite, le gneiss, les micaschistes; on en trouve dans les serpentines de Bohême, dans les talcs des Alpes, dans les diallrites du Tyrol, dans le calcaire primitif de Darmstadt et des Pyrénées; il n'est pas rare dans certaines laves, telles que celles du Velay, de Lisbonne, du Vésuve, de Frascati près de Rome etc.». «Pour donner plus de feu au grenat, les bijoutiers les chèvent, c'est-à-dire, les doublent d'une plaque d'argent. En Silésie, en Bohême, à Fribourg, de nombreux ateliers sont formés pour tailler et percer les grenats qui servent d'ornements. Un ouvrier peut brillanter ou perforer cent cinquante grenats dans sa journée».

(Landrin, *Dictionnaire de Minéralogie*, Paris, 1864, pp. 194 e 195).

LXXI

1866¹

«Achão-se aqui finíssimos jacintos principalmente nos dias chuvosos».

«Diremos algumas palavras acerca das minas do Suimo, extracadas do que dellas escreveo Vilhena Barboza: Que as minas constituem uma das maiores riquezas naturaes de Portugal, dizem-no as innumeraveis nascentes de aguas mineraes, e as repetidas convulsões do solo. Foi a pesquisa e lavra das minas que attrahio os Phenicios ás costas da Lusitania; foi a cobiça destas riquezas, por elles manifestadas aos Romanos, o que mais concorreu para que este povo ambicioso e guerreiro viesse á conquista da peninsula Iberica. Essas

¹ Em 1870 publicou-se, *Estudio de las piedras preciosas*, por Miró. Não logrei ver este trabalho.

vastas cavernas, que em forma de corredores atravessão as entranhas de muitas serras de Portugal, e que os camponezes vizinhos umas vezes povoão de fadas e espectros guardando thezouros, outras julgão ser obra dos Mouros, etc».

«As minas do Suimo são das mais antigas, que se tem explorado neste paiz; estão situadas a alguma distancia da villa de Bellas, proximo da Venda-secca e do Bomjardim. São minas de jacinthos e a sua exploração data do reinado de D. Diniz; foi porém no sec. xv, que a lavra tomou maiores proporções, dando desenvolvimento aos trabalhos, primeiro o infante D. João, filho de D. João I, senhor da quinta e villa de Bellas, e depois, por morte deste, em 1442, sua filha, a infanta D. Beatriz, que lhe sucedeu naquelles senhorios, e casou dahi a 4 annos com seu primo, o infante D. Fernando, duque de Vizeu, de cujo matrimonio entre outros filhos, nasceo o rei D. Manoel. Sobreviveu D. Beatriz a seu marido 30 annos, e neste periodo dizem que se extrahirão muitos e excelentes jacinthos das minas do Suimo. Tão importantes julgava estas minas a dita infanta, que quando fez doação da sua quinta de Bellas e do senhorio da villa a Rodrigo Affonso de Athouguia, em recompensa de serviços que lhe prestara como seu criado, reservou para si as minas de Suimo, e por sua morte em 1506, deixou-as em legado a seu filho, o rei D. Manuel. Nessa epoca tinhão grande valor as pedras preciosas de côres e continuárão a tê-lo nos seculos seguintes, enquanto se não começáram a fabricar as pedras falsas que foi sem duvida a causa do abandono das minas de Suimo. Dizem que o monte é minado por dentro, e entrando-se com luz nessa concavidade o reflexo faz brilhar as rochas como se estivessem garnecidas com galões de ouro».

Nas faldas da montanha corre um ribeiro, junto á margem do qual se deitava o entulho da mina, do que restão signaes evidentes».

(J. A. Almeida, *Diccionario abreviado de chorographia, topographia, e archeologia das cidades, villas e aldeas de Portugal*, Valença, p. 140).

LXXII

1872

«Jacintos, em Bellas, e margens do Cavado».

(Gaultier, *Lições de Geographia ... Edição novissima ... por J. I. Roquete, Paris, p. 194.*)

LXXIII

1874

«Ha no termo d'esta villa um monte, minado por baixo, chamado Minas do Suimo. Sua vista interior, á luz de archotes é de um beli-

simo effeito. Adiante tratarei desta curiosidade geologica mais detidamente».

(Pinto Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, tom. I, p. 371).

LXXIV

1876

«Vem mencionados em Carvalho...; o Suimo (que tambem não se acha na E. P.) junto a um monte (o monte do Suimo vem no mappa) onde se encontravam muitas pedras das que se denominam jacinthos (o mesmo affirma o padre Nicolau de Oliveira no seu liuro *Grandezas de Lisboa*), tanto que a Senhora D. Brites, mãe d'El Rei D. Manuel, então donataria da villa de Bellas, doando a um seu creado muitas terras deste termo, exceptuou as minas de pedras preciosas do Lugar do Suimo, que deixou a seu filho o dito rei D. Manuel.

Consta-nos por pessoa competente, muito conhecedor destes sítios, que hoje ainda se encontram destas pedras seguindo-se o leito da ribeira, especialmente nos dias que se seguem aos de grande chuva, e tambem outras lindas pedras pretas e mui lustrosas, que a dita pessoa viu e possue algumas».

«Voltando a falar das minas do Suimo, data a sua exploração do reinado de D. Diniz, e continuou por muitos tempos, até ao reinado, de el-rei D. Manuel, ao qual as deixou a infanta D. Brites como ja dissemos. Posteriormente foram porém abandonadas por causas que se ignoram».

(João Maria Baptista, *Chorographia Moderna do Reino de Portugal*, Lisboa, tom. IV, p. 459).

LXXV

1878

«Na extremidade S. da villa passa um ribeiro, em cujas quebradas se encontram alguns jacintos».

(*Diccionario de Geographia Universal* [Ed. Corazzi], tom. I, p. 387).

LXXVI

1881

«Au dire de Bocchus, on en [carbunculus] importe ici de Marseille et aussi de *Lisbonne*».

(Jannetaz, *Diamants et Pierres précieuses*, Paris, I, p. 171).

LXXVII

1893

«Mencionarei tambem umas pedrinhas rodadas, que pareciam salpicadas de sangue, e apresentavam uma especie de desenho em forma de cruz; d'ella appareciam muitas entre o calhau da praia de Santos; di-lo, por exemplo, Castro no *Mappa*, e declara ter algumas. Miguel Leitão de Andrada, *Miscellanea, Dial. II*, tambem conta que se encontravam ali, e que eram do feitio de um ovo pequeno, com a cruz de Malta de uma banda, e nodoas como de sangue. O citado *Romancero de Segura*, obra dos principios do seculo XVII, lá canta a mesma coisa em verso (não me atrevo a dizer *em poesia*).»

Fala com a Cidade, e diz-lhe:

Ay en ti piedras redondas
.....etc.

Finalmente Marinho de Azevedo nas suas *Antiguidades* (Liv. III, cap. XXIX) recorda as taes pedras, e acrescenta que havia na mesma praia outras com cinco riscos vermelhos, que eram d'aquellas sobre que os Santos Martyres tinham sido arrastados, segundo pensavam as devotas. «E a mesma fé — continua o autor — se tem com alguns marmellinhos e pereiras d'aquelle sitio, em cujo fruto se acham as mesmas cinco riscas; e destas arvores as ha no jardim de D. Francisco d'Alencastre — (o do actual palacio Abrantes), — e em alguns quintaes das casas mais proximas á egreja dos Santos Martyres».

Em creança habitei na freguezia de Santos, mas não me lembro de ter ouvido jamais falar nas taes pedras manchadas, provavelmente de oxido de ferro, e em cujos desenhos casuaes o povo teimava em querer vér cruzes e pingos de sangue de Martyres, como ainda vê o de Ignez de Castro nas pedras da fonte dos Amores. Hoje com o Aterro é impossivel procurar na praia essas curiosidades, que afinal valem muito menos do que elle».

(Julio de Castilho, *A Ribeira de Lisboa*, Lisboa, p. 581).

LXXVIII

1895

«Varias pedras têem recebido o nome de *jacinthos* ou *hiacinthos*; e por vezes estas duas fôrmas do mesmo nome têem sido applicadas por diverso modo, comquanto habitualmente se tomem como synonyms. Não é facil saber, se o «*jacinto*» de Orta seria uma varie-

dade de *corydon* chamada *jacintho oriental*, ou o silicato de zirconia, tambem chamado *jacintho*; mas é provavel que elle designasse assim uma variedade amarella alaranjada de *granada* (um silicato de alumina e outras bases) bastante frequente em Ceylão. Se Orta diz, que estas pedras se encontravam em abundancia nos portos commerciaes de Calicut e Cananor, é porque as traziam para ali de Ceylão. Quanto ás *granadas* ordinarias de cõr escura, alem de virem de Ceylão, encontravam-se em varias partes do Hindustão, e por isso Orta diz serem frequentes nos mercados do interior. Estas pedras eram communs e deviam ser extremamente baratas, tendo sobretudo em vista, que Orta não falla como um joalheiro, procurando bonitos e grandes exemplares, mas simplesmente como um medico, contentando-se com pequenos fragmentos, proprios para o uso das boticas de então.

Em um dos paragraphos seguintes, Orta falla dos *jacinthos* (*granadas*) de Bellas. É bem sabido, que não longe de Bellas, nos basaltos do monte Suimo, assim como em Cintra, na zona de contacto dos terrenos sedimentares e eruptivos, se encontram *granadas*, que em tempos deram lugar a algumas explorações ou tentativas de exploração. A existencia d'estas pedras parece haver chegado já ao conhecimento de Plinio, o qual, fundando-se na auctoridade de um certo Bocchus, diz encontrarem-se *carbunculos* (e por esta palavra designava qualquer pedra vermelha ou roxa) nos campos de Lisboa: *Bocchus et in Olisiponensi erui scripsit, magno labore ob argillam soli adusti.* (Cf. Jannetaz, I, c., 371 e seguintes; Plinio, XXXVII, 25).

(Conde de Ficalho, *Coloquios dos simples e drogas da India por Garcia da Orta*, Lisboa, II, p. 226).

LXXIX

1898

«*Granada var. Almandite*.—Espinho, Arcozello (distrito do Porto) [nos micaschistos]. Mina da Ramalhosa. Monte Suimo (Bellas) [no basalto].»

(Jacinto Pedro Gomes, *Mineraes descobertos em Portugal*. Nas *Comunicações da Direcção dos Trabalhos Geologicos de Portugal*, III, 1898, p. 206).

LXXX

1898

.....
(Truchot, *Les Terres rares*, p. 36).

LXXXI

1904

«Existe na freguezia de Bellas o monte do Suimo, onde hoje está o casal do Suimo, ou do Suino, como vulgarmente lhe chamam, e em cujo monte, segundo affirma o padre Nicolau de Oliveira no seu livro *Grandezas de Lisboa*, se encontravam muitas pedras das que se chamam jacinthos, tanto que a senhora D. Brites, mãe de el-Rei D. Manoel, então donataria da villa de Bellas, doando a um seu criado muitas terras d'este termo, exceptuou as minas de pedras preciosas do lugar do Suimo, que deixou a seu filho o dito rei D. Manoel.

Segundo-se o leito da ribeira, principalmente nos dias seguintes aos de grandes chuvas, ainda hoje não é difícil encontrar algumas pedras lindíssimas, entre elles umas de um preto retinto, muito lustrosas, e que são, na verdade, muito bonitas.

As minas do Suimo estão hoje, por assim dizer, abandonadas, tendo principiado a sua exploração no reinado d'el-Rei D. Diniz, e continuado até ao reinado d'el-Rei D. Manoel, a quem, como fica puto, pertenceram».

(Antonio A. R. da Cunha, *Cintra Pintoresca*, 2.^a edição acrescentada, Lisboa, p. 178. O autor da 1.^a edição, de 1838, que foi o Visconde de Juromenha, não cita as minas),

LXXXII

1905

«[Iargon, hyacinthe]. Les gisements fournissant les plus belles se trouvent: en France, dans le canton d'Expailly, près de la ville du Puy; au Portugal, près de Lisbonne....».

(Moisson, *Traité de Chimie minérale*, Paris, II, p. 532).

LXXXIII

1906

«Ao sul passa um ribeiro, em cujas quebradas se vêem jacintos finíssimos».

«Uma das curiosidades desta villa é o monte chamado Minas de Suimo. São estas minas as mais antigas que se tem explorado no paiz. Estão situadas a alguma distancia da villa, proximo da Venda Secca e do Bomjardim, á esquerda da estrada, que daquella villa conduz á de Mafra. São minas de jacintos, e a sua exploração data do reinado de D. Diniz. Foi, porem, no seculo xv que a lavra tomou maiores proporções. Quem deu primeiro desenvolvimento aos trabalhos foi o infante D. João, filho d'el Rei D. João I e senhor da quinta e da villa de Bellas por mercê de seu pae; por morte do in-

fante, sucedida em 1442, foi sua filha, a infanta D. Beatriz, que lhe sucedeu naquelles senhorios, quem proseguiu nos referidos trabalhos. D. Beatriz sobreviven a seu marido 30 annos, e durante este periodo, segundo consta, extrahiram-se muitos e excellentes jacintos das minas de Suimo, puros e formosos, menos abertos na cõr, porem mais raros que os da Asia. A referida infanta julgava tão importantes estas minas, que, fazendo a doação da quinta e senhorio de Bellas a Rodrigo Affonso d'Atouguia, reservou para si as minas de Suimo, e por sua morte, em 1506, as deixou em legado a seu filho, el-rei D. Manuel. Nessa epoca tinham grande valor as pedras preciosas de cõres e continuaram a tê-lo nos seculos seguintes, sendo muito consideradas e procuradas, enquanto se não começaram a fabricar e a apparecer no commercio pedras falsas imitando perfeitamente as verdadeiras. Foi talvez esta uma das razões porque se abandonou a lavra das minas de Suimo. O monte, assim conhecido, é minado por dentro em grande parte, e entrando com luz nessas concavidades, o reflexo faz brilhar as rochas, que lhe formam as paredes e abobada, como se estivessem guarneidas de galões de ouro).

(Esteves Pereira & Rodrigues, *Portugal. Dicionario Historico*, Lisboa, vol. II, p. 269).

LXXXIV

1908

«Segundo Caldas Barboza, o abade de Castro e outros havia outrora em Bellas no lugar do Suimo, ricas minas de pedras preciosas, especialmente granatas e jacinthos que apareciam quando se lavrava a terra ou quando ella era revolvida por grandes chuvas. Baptista informa de que ainda apareciam (1876) ao longo da ribeira depois de ter chovido muito».

(Alberto Pimentel, *A Estremadura Portuguesa*, tom. II, p. 126).

LXXXV

1909

«Esta princeza legou muitas terras do termo de Bellas a Rodrigo Affonso de Athouguia, mas reservando as minas do Monte Suimo para seu filho el-Rei D. Manuel. Desta cláusula do testamento da infanta D. Brites fazendo reserva expressa das minas do Suimo para seu filho, infere-se que estas minas tinham considerável rendimento.

O auctor da *Cintra Pintoresca*¹ diz-nos que, segundo affirma o padre Nicolau de Oliveira, no seu livro *Grandezas de Lisboa*, no monte onde está o casal do Suimo ou do Suino, como é vulgarmente co-

¹ É evidentemente referência à edição de 1904.

nhecido, se encontravam muitas pedras das que chamavam jacintos; e que, seguindo o leito da ribeira, principalmente depois de grande chuva, não era difícil achar algumas pedras lindíssimas, entre ellas umas de um preto retinto e muito lustrosas.

A exploração d'estas minas, que, segundo se diz, também continham granadas, principiou no reinado de el-Rei D. Diniz, e terminou no reinado de el-Rei D. Manuel. Esta exploração está hoje completamente abandonada».

(Marquês de Avila, *A nova Carta Chorographica de Portugal*, Lisboa, 1, p. 196).

LXXXVI

1910

«*Zircon*. Silicate de zirconium. Système tétragonal.

Hors d'Alter Pedroso dans la riebeckite déjà mentionné, on trouve à Monte Suino, Bellas, près de Venda Secca, la variété transparente jaune miel appelée *hyacinthe*. Quelques chroniqueurs portugais disent que dès le règne du roi D. Diniz jusqu'à D. Manuel 1^{er} on a exploité une mine d'*hyacinthes* à Bellas. Le P. Nicolau d'Oliveira, dans son livre *Grandezas de Lisboa* publié en 1620 et l'auteur inconnu du livre *Cintra Pinturesca* publié en 1838 disent qu'il n'y a aucun doute sur l'existence des *hyacinthes* à Bellas, parce qu'ils les ont trouvés après des journées de pluie trainés par les eaux d'une petite rivière. On croyait qu'il y avait confusion et qu'il s'agissait des *grenats* qu'on trouve à Monte Suino (*sic*) dans du basalte. On trouve les *hyacinthes* à Bellas, cristallisés, ayant comme formes 100, 110, 111, 331, 311».

(A. d'Oliveira Bello, *Minéraux portugais: Bulletin de la Société portugaise des Sciences naturelles*, vol. iv, p. 77).

LXXXVII

1910

«Portugal.—No son numerosas, pero si interesantes, las indicaciones que hemos visto respecto á los granates del vecino reino. Citase la grosularia de San Pedro (Cintra) y de Monforte, en el contacto del granito con la caliza jurásica en cristales de hermoso color verde negruzco, que muestran la cara $\infty 0$ (110) y subordinadamente 202 (211), $\infty 0 2$ (210), 0 (111), $3/2 0$ (332) y una cara proxima á 202 (211), que puede ser la $41/20 0 39/20$ (79. 95. 41. 39).

Para el análisis de Lepierre que hemos consignado al principio, se ha purificado la substancia con ayuda del electroimán y de los líquidos pesados.

Existe almandina en la micacita de Espinho, em Arcozello, dis-

tricto de Oporto, y en la mina de *Ramalhosa*, en el basalto de Monte Suimo (Bellas). Cita también P. Gomes la andradita ó alocroita de *Logar de Azenha* (Aguas Ferreas, Oporto), *Arronchez y Herdade da Igreja* (Orada)».

(Salvador Calderón, *Los minerales de España*, Madrid. 1910, II, p. 366).

LXXXVIII

1913

«As ametistas do Gerez, as turquezas da Serra da Estrella, os rubis em Bellas não foram explorados, como o foram no sec. XVII os marmores de Extremoz, Arrabida, Mafra, Collares, Leiria e Oeiras».

(Carneiro de Moura, *Historia Economica de Portugal*, Lisboa, p. 127).

LXXXIX

1913

«Da occorrecia de jacinthos em Bellas escreveram já, e pode dizer-se que escreveram só, até agora, escriptores de sec. XVII». Etc.

(Souza-Brandão, *Sobre um crystal de zircão-jacinto de Bellas junto a Lisboa*, «Comunicações» do Serviço Geológico de Portugal, t. ix, p. 127).

XC

1914

Paul Choffat, *Les mines de grenats do Suimo*.

(«Comunicações» do Serviço Geológico de Portugal, tomo x, p. 159).

XCI

1916

«Cristais de zircão das proximidades de Lisboa passam por serem dos mais formosos da Europa¹, juntamente com os das cercanias de du Puy, no cantão francês de d'Espailly, com os do condado de Galloway e com os de Ceylão. Já alguns antigos cronistas portugueses se referem a uma mina de *jacintos* existente em Bellas. Supõe-se a principio tratar-se de granadas, mas é certo que a variedade de zircão, transparente e côn de mel, chamada *jacinto*, ocorre no Monte Suíno (*sic*), em Belas, proximo de Venda Secca. O hábito isométrico, que parece freqüente nestes exemplares de Belas, de sobra justifica que os pouco profundos mineralogistas do sec. XVIII os tivessem englobado na massa das granadas alotriomorfas.

O mistério ainda subsistiria se um ilustrado amador não tivesse, há poucos anos, conseguido para a sua colecção um exemplar crista-

¹ *Les Terres rares*, Truchot, 1898, p. 36; *Chimie minérale*, Moissan, t. II, 1905, p. 532.

lizado do basalto de Belas¹ e um distinto homem de ciência português o não tivesse estudado, sob o ponto de vista cristalográfico, tornando-o conhecido².

(*Sobre um cristal de zircão-jacinto de Bellas*, por Vicente Sousa Brandão, t. ix das *Comunicações do Serviço Geológico de Portugal*).

XCII

1916

«Desde que ha anos fiz a medição (do zircão do Alentejo), ao mesmo tempo que a do Jacinto de Bellas (do amador Sr. Oliveira Bello, que publiquei....».

(Sousa Brandão, *Revista de Chimica pura e applicada*, II serie, 1.º ano, p. 339).

Manuscritos

I

1278

«Item. Hūu momo douro cõ pedra çafira e en meyogo desse momo e derredor dessa Pedra tehya quatro pedras yagūças... Item hūu Jacinto en castō douro con hua iagūça pequena... Item duas Iagūças en castō de prata que foron de Vicente Martijnz... Item Onze pedras yagonças de belas alamādinas sē castoes... Item noue pedras yagūças furadas....».

(Inventario das peças que foram dadas ao infante D. Dinis. Feito em 20 de Junho da era de 1316 (1278). Gaveta 13, maço 11, n.º 9. Publicado no *Arch. Hist. Port.*, tom. x, p. 45).

II

«Saibham quantos este trellado de carta da Senhora Ifamte dona Briatiz madre del Rey nosso Senhor dada per autoridade de Justiça virem que no anno do nacemento de nosso Senhor Jhesu Christo de mjl e b.º e dous annos vijmte e dous dias do mes de Junho em a muy nobre e sempre leall cidade de Lixbōa peramte o bacharell Jullyam Rodriguez çidadaño e Juiz dos feitos cieues em a dita cidade peramte elle pareçeo Lujs Barradas escudeiro do dito Senhor Rey e procurador que mostrou seer do moesteiro da Conceyçam da uilla de Beja per hūu publico estormento de procuraçam que comtava seer feito e assy-

¹ *Minéraux Portugais*, par A. d'Oliveira Bello, *Boletim da Sociedade Portuguesa das Ciências Naturais*, t. iv, fasc. 2, Dezembro de 1910.

² (*Estudos de análise espectral realizados sobre os minerais de urânia e de zircónio portugueses*, por António Alvares Pereira de Sampaio Forjaz Pimentel, p. 263 dos *Arquivos da Universidade de Lisboa*, vol. III).

nado per Esteuam da Maya escudeiro e publico tabeliam e notairo em a dita villa de Beja a xbij dias do mes de mayo de mjl e quinhemtos e dous annos, etc. dizemdo E apresemtamdo o dito Lujs Barradas no dito Juizo peramte o dito Juiz húa carta da dita Senhora Ifamte madre del Rey nosso Senhor escrita em purgaminho e assynada que mostrava seer per sua Senhoria e aseillada do seu seollo nas costas della cujo trellado de uerbo a uerbo he este que sse adiamte ssegue:

Eu a Ifamte dona Briatiz faço saber a quantos esta minha carta virem e o conhecimento della pertemcer per qualquer guisa que seja que eu ssoçedi per heramça dos Ifamtes dom Joham e dona Isabell, meus senhores padre e madre que deus tenham em sua samta groria a minha villa de Bellas com seus paaços terras e casaaes e com sua Jurdiçam ciuell e crime, o quall luguar lhe fora dado per el Rey dom Joham meu avoo que deus tem de Juro e herdade como causa sua de patrimonyo e nam da coroa do tregno por que elle ho auia comprado por seus dinheiros segundo mais conridamente na doaçam dello he contheudo. E el Rey Dom Manuell meu Senhor e filho e a Rainha dona Lianor minha Senhora e filha E a senhora duquesa dona Isabell minha filha que no dito luguar poderiam teer parte por seerem meeus herdeiros e assy teerem a legitima do Ifamte meu Senhor seu padre que deus tem me fizerom doaçam das partes que lhe dello poderiam pertemcer assy de suas legitimas por fallecimento do dito Senhor seu padre ou pollo meu quamdo nosso Senhor ordenar que seja E quiserom e me derom autoridade e comsemntimento que eu podesse da dita villa e heramças e doutros meus bões moouees e de rraiz fazer o que me prouesse como de causa em que elles nom tijnham parte porque do que lhe pertemcia me fazijam doaçam e comsiramdo eu quamta rrezam e obrigaçam tenho de fazer merces a Rodrigo Afonso do conselho do dito Senhor Rey meu filho e veedor da minha fazenda e assy comsiramdo comb elle em sua vida e os que delle deçemderem devem seer bôos foreiros e paguar sempre bem o foro tenho por bem de lhe aforar como por esta carta aforo e dou de foro em fatyota pera sempre a dita villa de Bellas com toda sua Jurdiçam e rrendas casaaes paaços terras de pam e logramentos e agoas e montes rrotos e por rromper e paçigoos e pumares E azenhas e vijnhas e todas outras cousas que eu no dito luguar tenho e me de direito pertemçem e pertemcer podem E assy como eu dello estou em posse e posuyrom meeus antecessores tirando soomente o padroado da Igreja da dita villa de que ja tenho feita doaçam ao moestiero de nossa Senhora da Comçepçam de Beja e os cauouquos e terra em que dizem que se acha pedraria por que estes poderey eu mandar

abrir e me aproueytar delles quando me aprouuer e se achar que he mina podella ey leixar a quem me prouuer e nom entrara no aforamento e mais me praz que emtre com o dito luguar de Bellas em este aforamento hũu casall de laurar pam que he no termo desta cidade de Lisbôoa onde chamam a Choutaria E outro casall que tambem esta no termo da dita çidade que chamam o casall de Loures e mais treze couas de emcouar pam e hũuas casas em que mora o coueyro que sam em Carnide e hũu bacello e hũua courella que he no dito luguar de Carnide E o dito bacello e courella amda aforado a [Joham Alluarez] por mill e cem rreaes em cada hũu anno porque posto que as ditas couas sejam fora do termo da dita villa de Bellas amdaram sempre cõ ella e ally se arrecadaram E assy me praz e quero que agora emtrem com ella e amde pera todo sempre com ella dentro neste aforamento e as aja o dito Rodrigo Afomso e depois de seu falecimento quem elle nomear E assy dahi em diamte venha este prazo da dita villa e heranças aquy apomtadas ssobçessiuamente que hũu possoydar nomee outro pera depois de seu falecimento E acertamdo que algñu ou algñus dos posuyidores deste prazo fallecam sem nomear quem depois delle o tenha nom quero que por isso o perca nem saya de seus herdeiros mas que emtam os ssobçeda e ajaa o parente mais velho que for mays chegado em o graao ao posuidor per cujo falecimento vagar e me praz que o dito Rodrigo Afonso e os que depois delle vierem ao dito prazo tenham as rremdas e Jurdicam da dita villa e se possam chamar senhores della e poer os tabeliaes e vsar da Jurdicam e auer as Rendas assy como ora eu faço E que por ello dem e paguem de foro e penssam em cada hũu anno a mym em minha vida quoremta mill reaes brancos desta moeda ora corrente de trimta e cimquo liuras o rreal E despois de meu falecimento faram o dito pagamento a abadesa e donas que pello tempo forem do dito moesteiro da Comcepçam de Nossa Senhora da villa de Beja a que as leixo com outras Remdas ordenadas pera a capella do Ifamte meu Senhor como em meu testamento he contheudo e faram o pagamento em ouro e prata em os preços que valler e pagallos ham em duas paguas a meetade por pascoa frorida e a outra meetade por sam Joham Bautista E começara de fazer a primeira pagina por este dya de pascoa primeiro que viinra no anno de quinhemtos E dehy em diamte pello ditos tempos de pascoa e sam Joham e nom fazendo o dito Rodrigo Afomso ou os que despois delle vierem as ditas paguas na dita villa aos ditos tempos de cada hũu anno que a abadessa e donas do dito moesteiro os possam mandar penhorar por seu moordomo E por quem lhe aprouuer sem outra ordem nem figura de Juizo E passando sem

pagarem a mim ou ao dito moesteiro os tres annos que o direito quer cayam em comisso e o dito Rodrigo Afomso nem as pessoas que despois delle vierem nom poderom nunca partir a dita villa nem suas heramças nem apartar della nenhū casall nem outra cousa nem o trocar nem escambar nem per algūua outra maneira em alhear ssoomente andara todo Juntamente emcabeçado no dito luguar de Bellas como ora anda sem nenhūa cousa se apartar porem podera o dito Rodrigo Afonso e os que depois delle vierem aforar as heranças do dito luguar assy as aproveytadas como as por aproueytar em fatyota ou em pessoas como lhe bem parecer e os aforamentos per elles feitos seram assy firmes e valiosos como por verdadeiro senhorio do dito lugar porque toda autoridade e poder pera ello necesario me praz que tenham e ajam o qual aforamento o dito Rodrigo Afonso em sy Recebeo por ssy e por as pessoas que depois delle vierem. E se obrigou fazer as ditas paguas e conpir estas condições per ssy e por seus bēes mouees e de rraiz que pera ello obrigou de todo teer e manteer. E eu me obrigo por mim e todos meus bēes e Rendas de lho teer e manter e fazer sempre comprir e guardar como aqui he contheudo sem nenhūa duuida nem embargo que contra ello possa teer nem auer luguar de se dizer que nom foy aforada em pregam e que por isso se pode ou deue de desfazer nem algūua outra ley nem ordenaçam que contra esto possa seer porque ey todo o que contra este aforamento se possa dizer e aleguar por anullado e nenhūu. E se algūuas crausollas pera este aforamento seer firme aqui falleeçam, eu as ey por postas e especificadas como que dellas aqui fezesse expressa mençam. E por certidam dello lhe mandey fazer esta carta a quall peço por merce ao dito Rey meu Senhor e filho que assy a queyra confirmar aprouar e rretificar e conceder. E que assi elle Rodrigo Afonss com os que apos elle vierem que segundo a forma do dito comtrato ajam de ssobceder o dito prazo E tenham com toda a dita Jurdiçam ciuell e crime sem embargo de todas E quaaesquer lex assy geeraaes como especiaaes que em contrairo desto sejam e sem embargo da ley mentall porque eu de sua autoridade e comsemntimento fiz o dito contrauto daforamento, o quall he minha vomtade, que pera ssempre seja firme e vallioso e o dito Rodrigo Afonso fez de sua obrigaçā e aforamento com o teor desta carta hūua publica escritura pera eu e depois a abadesa e donas do dito moesteiro a teerem por sua guarda E eu mandey a elle dar esta carta assynada per mym e aseillaada do meu seollo. Dada em esta cidade de Lixbōa aos treze dias dagosto. Siluestre Nunez a fez de mill e quoatrocētos e noueenta e noue annos.

E apresemtada asy a dita carta da dita Senhora Ifamte como dito he logo per elle dito Lujs Barradas como procurador que era do dito moesteiro foy dito ao dito Juiz que lhe pedia que porquamto a dita casa moesteiro e donas della se esperauam dajudar da dita carta que lhe mandasse della dar o trellado em publica forma porquamto lhe pertemcia e tocava segundo se per ela mostraua etc. E visto per o dito Juiz seu dizer e pedir com a dita carta e o que se neella comtijnha e como em muyta parte a dita carta pertemcia ao dito moesteiro de uer della auer o trellado e como ella era asy autentica e autorizada e sem viçio nem antrelinha duuidosa soomente hñua que dezia *terra* a qual ao pee era rresaluada etc. lhe mandou della dar o dito trellado em publica forma antrepoendo e dando a mim tabeliam abajo nomeado pera ello sua autoridade ordinaria que lho desse per que fizese fee e autoridade onde quer que mostrado fosse como o proprio originall. E eu em comprimento de seu mandado lho dey em este publico estornento. Testemunhas AluarEannes Diego Coelho e Joham Diaz o Velho e Gonçalo Coelho e FernandAfomso todos tabeliães amte o dito Juiz E outros E eu Joham Diaz o moço escudeiro do dito Senhor e seu publico tabeliam isso meesmo ante o dito Juiz que esto espreui e de meu publico ssynal firmey que tall he. —*Lugar do sinal publico*— Pagou lxxx reaes.

(Torre do Tombo, Mosteiro de S. Clara de Beja, n.º 105; Chanc. de D. Manuel, liv. 38, p. 73).

III

1758

«Nesta freguesia e termo desta Uilla junto do lugar e monte do Suimo se tirarão antigamente pedras preciosas e ainda se achão algumas muito pequenas, tem a cor mais escura que a do rubim, e no rijo quasi o igualão».

(P.º João Chrisostomo, prior de Bellas. Resposta aos quesitos enviados superiormente. Manuscrito da Torre do Tombo chamado *Dicionario Geographico*, tom. vi, p. 611).

IV

«No termo desta cidade de Lisboa húa mina de pedras preciosas e jacinthos».

(Biblioteca de Evora, *Libelo que Manuel da Cruz Santiago deu contra o procurador da Fazenda*. Catalogo da Biblioteca de Evora iv, p. 276, cod. ^{cix} 1-16. Comunicação do Sr. Dr. Lopes da Silva, director da Biblioteca).